

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO**  
**BRUNA CAROLINA SILVA DOS REIS**

**TRAJETÓRIAS JUVENIS E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES DE**  
**INTELECTUAIS ORGÂNICOS**

**Santos**  
**2018**

**BRUNA CAROLINA SILVA DOS REIS**  
**CURSO DE SERVIÇO SOCIAL**

**TRAJETÓRIAS JUVENIS E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES DE  
INTELECTUAIS ORGÂNICOS**

Trabalho apresentado ao curso de Serviço Social da Universidade Federal de São Paulo, *campus* Baixada Santista, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Serviço Social, sob orientação da Profa. Dra. Patricia Leme de Oliveira Borba.

**Santos**

**2018**

B894t Reis, Bruna Carolina Silva dos.  
Trajetórias Juvenis e a Construção de Identidades  
de Intelectuais Orgânicos. / Bruna Carolina Silva dos  
Reis; Orientadora Patricia Leme de Oliveira Borba. --  
Santos, 2018.  
67 p. ; 30cm

TCC (Graduação - Serviço Social) -- Instituto Saúde  
e Sociedade, Universidade Federal de São Paulo, 2018.

1. Juventudes. 2. Intelectual Orgânico. 3.  
Protagonismo Juvenil. 4. História Oral. I. Borba,  
Patricia Leme de Oliveira, Orient. II. Título.

CDD 361.3

**BRUNA CAROLINA SILVA DOS REIS**

**TRAJETÓRIAS JUVENIS E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES DE  
INTELECTUAIS ORGÂNICOS**

Trabalho apresentado ao curso de Serviço Social da Universidade Federal de São Paulo, Campus Baixada Santista, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Serviço Social, sob a orientação da Profa. Dra. Patricia Leme de Oliveira Borba.

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

EXAMINADORES:

---

Profa. Dra. Patricia Leme de Oliveira Borba  
Universidade Federal de São Paulo

---

Profa. Dra. Sônia Regina Nozabielli  
Universidade Federal de São Paulo

*Dedico este trabalho às juventudes, representadas pelos meninos e meninas que cruzaram meu caminho ao longo desses anos de graduação. Em especial às meninas do Visconde e ao(s) nosso(s) nós.*

*À minha mãe por sempre me olhar devagar e assim me ensinar a olhar todo o mundo a minha volta. Ao meu pai pelas tantas vezes que não me permitiu desistir no caminhar desses anos.*

*E à Pati, por acreditar em mim em todas as vezes que eu mesma desacreditei.*

## AGRADECIMENTOS

Muitos foram os encontros, dentro e fora dos muros da Universidade, que me permitiram construir esse trabalho. Para além dos árduos dias de leitura, campo e escrita para que essa pesquisa se materializasse muito importantes foram as marcas deixadas durante os quatro anos em que essa graduação tornou-se afeto, cuidado e transformação.

Agradeço à minha orientadora, Patricia, pelo carinho e cuidado dispensados no que parecia tão solitário processo de desabrochar da pesquisa. Por ser exemplo de seriedade e sensibilidade, por existir e ser inspiração.

À equipe do “*Juventudes e Funk*” por despertar em mim a inquietação e afeto pela temática. Por inspirar na luta. Pelos aportes objetivos e subjetivos que tornaram minha graduação repleta de cores. Em especial à professora Cristiane, a quem dedico minha admiração e carinho.

À equipe do “*Protagonismo e Cidadania*” que me permitiu experiências e encontros únicos e, mesmo em meio a processos por vezes dolorosos, possibilitou-me colher aprendizados e amizades. Em especial às minhas companheiras Mariana e Maíra e aos queridos Maria Fernanda, Flávia, Marise e Maurício.

Às minhas professoras de Serviço Social e professoras dos eixos comuns. Às amadas supervisoras de campo de estágio, Nayara e Ticiane, e também aos supervisores posições que tanto acrescentaram nesse processo, Marilda e Felipe. Às minhas companheiras de estágio Luana, Amanda, Rafaelli e Arielly. Agradeço por tantas vezes tornarem os espaços da universidade e dos serviços lugares de construção revolucionária de afeto e luta.

Aos meus pais e ao meu irmão, que de todas as maneiras buscaram formas para que essa graduação se materializasse. Agradeço por sempre me verem melhor do que eu sou. Agradeço por todas as vezes que colocaram meus planos a frente de tudo. Agradeço por acreditarem e defenderem meus sonhos comigo.

Aos amigos que permaneceram. Aqueles que compreenderam e respeitaram minhas escolhas e, por vezes, ausências. Que se fizeram presentes ainda com a distância e foram afeto e cuidado nos diferentes processos durante esses quatro anos. Em especial a Thais, Letícia, Júlia, Gabri, Kaio, Lucas, Guilherme, Gabriel e Matheus.

À minha família santista que construiu lar comigo em diferentes espaços fossem eles apartamentos, corredores, salas de aula ou até mesmo pessoas. Em especial a Júlia, Beatriz, Ana Clara, Fernanda, Giovanna, Paula, Tarsilla, Laura, Kelly e Marcos. Vocês foram

essenciais nesse processo: os que chegaram e já partiram (mas seguem perto em coração e pensamento); os que chegaram mais tarde, mas parece que estiveram aqui a vida toda; os que me acompanham desde o primeiro dia e aqui permaneceram. Minha gratidão a cada um, à sua maneira, especial em sua singularidade. Lar é onde mora o coração.

Ao Kaue pela companhia, preocupação e cuidado. Por colorir os dias de trabalho que pareciam não ter fim, por acalmar e ser escuta nas crises. Por existir.

Aos adolescentes que dividiram seus aprendizados e trajetórias comigo. Agradeço pela formação que me proporcionaram, para além daquela formal da universidade. Agradeço pela confiança e por me tornarem alguém melhor.

E, por fim, à professora Sônia que aceitou o convite para ser leitora e compor a banca avaliadora deste trabalho. Muito me admiro de seu trabalho e luta. Agradeço pelo aprendizado trocado durante as aulas e o carinho compartilhado ao longo desses quatro anos.

*Um homem da aldeia de Neguá, no litoral da Colômbia, conseguiu subir aos céus. Quando voltou, contou. Disse que tinha contemplado lá do alto, a vida humana. E disse que somos um mar de fogueirinhas.*

*— O mundo é isso — revelou —.*

*Um montão de gente, um mar de fogueirinhas.*

*Cada pessoa brilha com luz própria entre todas as outras. Não existem duas fogueiras iguais. Existem fogueiras grandes e fogueiras pequenas e fogueiras de todas as cores. Existe gente de fogo sereno, que nem percebe o vento, e gente de fogo louco, que enche o ar de chispas. Alguns fogos, fogos bobos, não alumiam nem queimam; mas outros incendeiam a vida com tamanha vontade que é impossível olhar para eles sem pestanejar, e quem chegar perto pega fogo.*

Eduardo Galeano



## RESUMO

A presente pesquisa se desdobra das ações desenvolvidas junto a jovens populares urbanos por meio do Projeto de Extensão “Juventudes e Funk na Baixada Santista: Territórios, Redes, Saúde e Educação” da Universidade Federal de São Paulo. Passamos a nos interessar pelas histórias de vida desses jovens – pessoas, situações e contextos - que colaboraram para a constituição de sujeitos mais ativos socialmente, em uma perspectiva gramsciana, as sementes dos intelectuais orgânicos. Dessa forma, a pesquisa propõe-se a ressaltar a relevância desses sujeitos na condição da juventude popular urbana para transformação e ampliação de direitos diante dos inúmeros processos de violência sofridos durante sua trajetória histórica e social, de maneira que realize um estudo sobre a trajetória de uma jovem a partir de abordagens qualitativas de pesquisa como a história oral e acompanhamentos singulares e territoriais. Os principais resultados desse trabalho referem-se ao fortalecimento de um discurso de "protagonismo juvenil" sob a figura do jovem enquanto objeto de intervenção, entretanto não sem fendas para que a juventude se consolide por intermédio de diferentes ações e enfrentamentos, aqui destacados, na figura da adolescente acompanhada, como os grêmios estudantis e as redes sociais. Projeta-se que este estudo possa oferecer referências para estratégias de fortalecimento das redes de jovens e adolescentes, bem como enfrentamento às vulnerabilidades que cercam o cotidiano da juventude na construção de um protagonismo que realmente coloque esses sujeitos no campo da atuação concreta.

**Palavras-chave:** Juventudes, Intelectual Orgânico, Protagonismo Juvenil, História Oral.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CAMPS - Centro de Aprendizagem e Mobilização Profissional e Social de Santos

CMDCA - Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

OIT - Organização Internacional do Trabalho

ONG - Organização não governamental

PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

UACEP - União de Amparo à Comunidade de Escolas Públicas

UBES - União Brasileira dos Estudantes Secundaristas

UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo

## SUMÁRIO

1. <b>Introdução</b> .....	13
1.1. Apresentação.....	13
1.2. Caminhos da Pesquisa.....	15
2. <b>Objetivos</b> .....	19
3. <b>“Eu vejo na tv o que eles falam sobre o jovem não é sério”</b> .....	20
3.1. Juventudes: uma perspectiva plural.....	21
3.2. Violência, trabalho e educação: a questão social inserida na vida dos jovens.....	24
4. <b>“Juventude é um grito que não pode ser calado”</b> .....	30
4.1. O intelectual orgânico.....	31
4.2. A construção da identidade do jovem intelectual orgânico.....	38
5. <b>“Ela desatinou, desatou nós”</b> .....	41
6. <b>Considerações finais</b> .....	57
7. <b>Referências bibliográficas</b> .....	60
8. <b>Apêndice</b> .....	64

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1 Apresentação

A presente pesquisa é desdobramento das ações desenvolvidas junto a jovens populares urbanos por meio do Projeto de Extensão da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), *campus* Baixada Santista, “Juventudes e Funk na Baixada Santista: Territórios, Redes, Saúde e Educação” em parceria com Escolas Públicas da cidade de Santos, bem como parte do explorado e conhecido na pesquisa de Iniciação Científica com título congênere desenvolvida por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), edital nº XII/2017, agosto/2017 a julho/2018 renovado em edital nº XII/2018, agosto/2018 a julho/2019.

Desde 2014 o Projeto de Extensão Juventudes e Funk na Baixada Santista realiza grande parte de suas ações no interior de escolas públicas, sendo que desde 2015 integro a equipe de trabalho da extensão juntamente com colegas discentes dos cursos de Psicologia, Serviço Social e Terapia Ocupacional.

O projeto em tela tem como objetivo a ampliação de espaços formativos e de debate sobre temáticas pertinentes e que partem da experiência juvenil, sobretudo no que se referem ao exercício da sexualidade, estilos de vida e concepções de mundo junto a jovens moradores/as de regiões de vulnerabilidade social da Baixada Santista, Santos e Guarujá, oferecendo repertório crítico para transformar a realidade desigual constituída a partir de enfeixamentos dos marcadores sociais da diferença (BRAH, 2006).

Atualmente estamos em parceria com a Escola Técnica Estadual Aristóteles Ferreira em Santos e Escola Estadual Paulo Clemente Santini no Guarujá. Outrossim, durante os anos de 2014 a 2016, estivemos em contato com a Escola Estadual Visconde de São Leopoldo que localiza-se no entorno da Universidade, como também, nos anos de 2016 e 2017, com o “Projeto Protagonismo e Cidadania: Uma Construção Permanente” realizado pela Organização Não Governamental (ONG) Consciência pela Cidadania. O trabalho desenvolvido com esses estudantes proporcionou as vinculações para a pesquisa em tela. Na condição de extensionista estive dedicada a parceria com a Escola Estadual Visconde de São Leopoldo, Escola Técnica Aristóteles Ferreira e com o Projeto Protagonismo e Cidadania.

As ações produzidas junto a Escola Estadual Visconde de São Leopoldo, localizada à Vila Mathias, bairro no qual a Universidade também ocupa, foram intermediadas a partir de oficinas nomeadas, através da metodologia desenvolvida pela equipe de extensão, de ‘Oficinas da Diferença’. Dessa forma, por meio de disparadores como filmes, músicas, poesias, notícias, dados e estatísticas, dinâmicas e material lúdico foram abordadas temáticas que permeiam as juventudes, com cerne na juventude popular urbana. O trabalho realizado ao longo dos anos de 2014 a 2016 abarcou as três séries de ensino médio em seus períodos matutino e noturno e teve como decorrência uma Batalha de Rap e Funk realizada no ano de 2016 na unidade Silva Jardim da Universidade Federal de São Paulo.

Já em relação a ETECAF, no primeiro ano, foram desenvolvidas ações focadas na saúde sexual e reprodutiva, com realização de Oficinas de Sexo Seguro. Em 2016, foi estabelecida parceria a partir do Projeto Interdisciplinar Anual da escola, em que foram trabalhados três eixos temáticos de tal modo que os primeiros anos desenvolveram trabalhos em torno da discussão sobre relações étnico-raciais, os segundos anos sobre diversidade sexual e os terceiros anos sobre as relações de gênero. Havia um/a professor/a da ETECAF como referência e uma dupla de estudantes-extensionistas e, ao final do processo, as salas elaboraram curtas-metragens. Para o ano de 2017 elegemos, junto à gestão escolar, uma temática central para o Projeto anual Interdisciplinar: ‘Alteridade e Diversidade Cultural’ e o nomeamos ‘Sobre o outro em mim’. Nessa edição, ainda, os produtos foram a elaboração de salas temáticas para uma visita guiada e a produção de programas para a Rádio Silva da UNIFESP.

O trabalho produzido pelo Projeto ‘Protagonismo e Cidadania: Uma Construção Permanente’, desenvolvido pela ONG Consciência pela Cidadania em parceria com o Projeto de Extensão por meio de quatro extensionistas, se propôs a promover integração com os grêmios estudantis e conselhos de escola para, desta forma, desenvolver propostas em benefício das comunidades escolares. Assim, foram reunidos estudantes das escolas estaduais e municipais interessadas e iniciadas oficinas de preparação, planejamento e ação de projetos para cada uma das regiões de Santos, criados e pensados pelos meninos e meninas participantes do coletivo. Desenvolveram-se como resultado final a construção de um jornal comunitário para a região do Centro e Morros; elaboração de série de vídeos roteirizados, filmados e protagonizados pelos/as jovens da região da Orla; esquetes de teatro criadas, encenadas e produzidas pelos/as estudantes da Zona Noroeste; e, por último, a reativação da

Sala de Artes de uma das escolas estaduais da Zona Intermediária, Escola Estadual Visconde de São Leopoldo, e elaboração de um Sarau de Arte e Poesia.

Partimos do pressuposto que por meio das práticas de extensão aglutinam-se materiais que propiciam a compreensão da realidade concreta e das possibilidades de intervenção baseadas na convivência, que ultrapassem a abordagem calcada na dimensão clínica/individual, respeitando as individualidades e singularidades dos sujeitos. Tais práticas visam, ainda, ao fomento de materiais para a realização de pesquisas e para o desenvolvimento de tecnologias sociais (LOPES *et al*, 2008). Dessa maneira, integrando o cenário das intervenções sociais com jovens da região da Baixada Santista, em especial da cidade de Santos, o que tem se desdobrado na realização de atividades de ensino e pesquisa, em diferentes níveis. Além disso, a atuação no espaço escolar tem permitido uma potente interlocução com diferentes atores, uma melhor apreensão da realidade, com suas potencialidades e limitações, mas, sobretudo, a constituição de fortes vínculos com os jovens que se constituirão, parte deles, como os sujeitos desta pesquisa.

Nesse contexto, a pesquisa “*Trajétórias Juvenis e a Construção de Identidades de Intelectuais Orgânicos*” vem se debruçar sobre essa relação observada aliada ao acompanhamento dos Projetos aqui citados e seus jovens protagonistas em processo de construção de identidades de Intelectuais Orgânicos. Para o trabalho de conclusão de curso optamos por trazer uma das trajetórias estudadas, da adolescente Marcia <sup>1</sup>, trajetória esta que tem uma forte relação de confiança tecida em muitos encontros e vivências junto a ela. A seguir apresentaremos os caminhos metodológicos percorridos pela pesquisa.

## 1.2 Caminhos da Pesquisa

Inicialmente, foram utilizadas abordagens qualitativas de pesquisa que compreendemos, a partir de Minayo (2014), que “[o] universo das investigações qualitativas é o cotidiano e as experiências do senso comum, interpretadas e reinterpretadas pelos sujeitos que as vivenciam” (MINAYO, 2014, p. 24), analisadas, portanto, como análise das expressões humanas que se fazem presentes no interior das relações sociais, dos próprios sujeitos e nas representações por eles construídas, assegurando que nenhuma teoria possui monopólio da compreensão da totalidade e, por conseguinte, não se encontra no campo da neutralidade. Assim, exploramos, enquanto abordagem qualitativa, a história oral (MEIHY, 2005), para

---

<sup>1</sup>Utilizaremos o nome da adolescente sem pseudônimos ou abreviaturas, já que partimos do pressuposto de que evidenciar sua identidade em uma narrativa de sua própria trajetória de vida carrega a importância de compreender o jovem como ator em suas vivências e experiências, detentor de sua história, sujeito social. Essa decisão parte, também, da vinculação construída com a jovem ao longo dos acompanhamentos e, assim, de seu assentimento.

realização da reconstituição da trajetória de vida, principalmente a escolar, de uma adolescente escolhida a partir da vinculação já estabelecida no campo da intervenção anteriormente relatado. Esta vinculação permitiu aprofundar as informações e discussões trazidas. Dessa forma, pretende-se, a partir da história oral, realizar a reconstrução da trajetória de vida desta jovem, entendendo que, segundo Meihy (2005):

a história oral implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. (...) garante sentido social à vida de depoentes e leitores que passam a entender a sequência histórica e sentem-se parte do contexto em que vivem. (MEIHY, 2005, p. 10)

Além disso, se tem como pressuposto uma valorização da experiência dos sujeitos com os quais lidamos, com sua linguagem, seu contexto, e por se tratar de pesquisa comprometida com questões sociais, temos, em concordância com Caria (2003), a preocupação em fazer da pesquisa um espaço para ampliar a capacidade reflexiva dos sujeitos acompanhados – jovens populares urbanos pertencentes à classe trabalhadora - contribuindo para a criação de estratégias para o enfrentamento de suas dadas situações. Assim, compreendendo a potência do fato narrado, da narrativa da história vivida como forma de recriar e reviver o passado e incidir, desta forma, diretamente no presente.

Por conseguinte, pretende-se abarcar na possibilidade de transformação e (re) conhecimento da trajetória de vida construída a partir da história oral e da narrativa, apreendendo que “a vantagem da narração é que um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois” (SILVA E BARROS, 2010, p. 71).

Paralelamente à composição da narrativa da história de vida da adolescente acima referida, com foco nos processos de construção de identidade a partir dos acompanhamentos individualizados e territoriais (LOPES, BORBA e CAPPELLARO, 2011), foi possível também criar oportunidades para o fortalecimento e a construção de novas perspectivas e projetos de vida, e, portanto, para a ampliação dos direitos e do exercício de sua cidadania, a fim de reconstituir sua trajetória de vida e aprofundar a compreensão das ações e do funcionamento dos serviços de proteção e atenção, em especial, a Escola.

A pesquisa consistiu, portanto, no recolhimento de informações sistemáticas por meio de acompanhamentos de uma adolescente, realizando entrevistas em profundidade quando considerarmos a necessidade de registrarmos falas que não foram expressas via o

acompanhamento. Para Minayo (2014), a entrevista em profundidade “é aquela em que o entrevistado é convidado a falar livremente sobre um tema ou as perguntas do entrevistador, quando são feitas, buscam dar mais profundidades às reflexões” (MINAYO, 2012, p. 262). A construção da entrevista foi feita a partir de um roteiro (Apêndice A), que permitiu que a colaboradora pudesse discorrer sobre o objetivo do tema.

Definem-se aqui os acompanhamentos individuais e territoriais, tomando-se aqueles pressupostos pela Terapia Ocupacional Social que compreendem a escuta atenta acerca das necessidades de pessoas e/ou grupos, buscando equacionar questões relacionadas a desigualdade social e falta de acesso a bens e serviços sociais, questões essenciais na vida desses sujeitos ouvidos e acompanhados (LOPES, BORBA e CAPPELLARO, 2011), como um dos principais recursos metodológicos deste estudo, haja vista a possibilidade de apreensão das vivências colocadas pela jovem, sua trajetória escolar e de vida, articuladas com a experiência no campo que vem sendo realizada pela equipe do projeto Juventudes e Funk a qual a pesquisadora participa desde 2015.

Todos os acompanhamentos foram registrados em diários de campo e as entrevistas sempre gravadas em áudio, os arquivos correspondentes foram transcritos integralmente. Estas transcrições bem como a construção da narrativa foram devolvidas a interlocutora e colaboradora em questão e trabalhadas em conjunto com a jovem para que propiciasse mais um momento de reflexão acerca dos conteúdos e dos encontros de campo, bem como para que o conteúdo estivesse de acordo com o que a jovem considerasse relevante e que de fato componha sua trajetória de vida na constituição do que aqui nomeamos de identidades de intelectuais orgânicos. Os dados foram registrados, de maneira a possibilitar sua categorização e articulação com o repertório teórico sobre os principais temas da pesquisa, a saber: Juventude, Intelectual Orgânico, Escola, Protagonismo Juvenil.

Em relação ao recrutamento da jovem para a participação na pesquisa, este foi realizado a partir da inserção da pesquisadora nos projetos de extensão “Juventudes e Funk na Baixada Santista” e “Protagonismo e Cidadania: uma construção permanente”, em que ambos realizam, ou realizaram, suas atividades em escolas da rede municipal e estadual na cidade de Santos. Cabe, assim, ressaltar que a aproximação e vinculação com a jovem é anterior a essa proposição de pesquisa, iniciando-se em 2015 quando inseri-me no Projeto “Juventudes e Funk” - que realizou oficinas com a Escola Estadual Visconde de São Leopoldo - encontrando continuidade em 2017 com minha inserção no Projeto “Protagonismo e Cidadania” - que também desenvolveu atividades no interior da Escola Estadual em que a adolescente cursava



o Ensino Médio - e, mais tarde, com a construção de uma pesquisa de Iniciação Científica que contou com a jovem como colaboradora.

Da mesma forma, o envolvimento da adolescente com a temática e sua disponibilidade para pensar e refletir sobre os processos aqui discutidos extrapolam a relação pesquisador-sujeito, mediados pelo simples pedido de participação na pesquisa, mas são produto dos processos formativos e aprofundados no interior da extensão universitária desde 2015 e, dessa forma, são consequência de um caminho de vinculação que permite o acesso aos dados de sua vida a partir de um processo de confiança adensados pela periodicidade e coerência.

Quanto ao local onde foram realizadas as entrevistas, optamos junto à jovem colaboradora por lugares públicos e de fácil acesso, escolhidos por ela. Os acompanhamentos foram realizados a partir de atividades cotidianas vinculadas a trajetória, construção de identidade e consciência crítica; avaliadas pelas pesquisadoras em conjunto com a jovem, seguindo o mesmo raciocínio do lugar das entrevistas, ou seja, lugares que a jovem definisse.

Finalmente, todos os procedimentos metodológicos necessários respeitaram os preceitos da ética em pesquisa e o que estabelece o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no que tange à condição peculiar desses adolescentes. Para a realização deste trabalho foi necessária a autorização do Comitê de Ética da Unifesp (CEP), sendo autorizado pelo CAAE n. 78051617.8.0000.5505. Para a construção das entrevistas foi elaborado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice B), que foi lido, discutido e assinado pela participante antes da realização desta. Esclarecida também a possibilidade do direito à desistência em qualquer fase da pesquisa e da garantia do sigilo.

## 2. OBJETIVOS

### *Gerais*

Este trabalho se propôs a realizar um estudo sobre a trajetória de uma jovem que têm construído uma identidade de Intelectual Orgânico nos espaços nos quais ocupa.

### *Específicos*

- Conhecer a trajetória de uma jovem protagonista na cidade de Santos em diferentes contextos e territórios;
- Conhecer ações protagonistas na cidade de Santos;
- Analisar o quão multiplicadoras são as ações dessa jovem em diferentes contextos e o quanto tais contextos potencializam ou não essa multiplicação;
- Apreender a visão da jovem sobre suas experiências de vida com foco no reconhecimento de sua identidade enquanto Intelectual Orgânico.

### 3. “EU VEJO NA TV O QUE ELES FALAM SOBRE O JOVEM NÃO É SÉRIO.”

*O que eu consigo ver é só um terço do problema  
É o Sistema que tem que mudar  
Não se pode parar de lutar  
Senão não muda  
A Juventude tem que estar a fim  
Tem que se unir  
O abuso do trabalho infantil, a ignorância  
Só faz destruir a esperança  
Na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério  
Deixa ele viver! É o que liga  
(Não é sério - Charlie Brown Jr. e Negra Li, 2000)*

### 3.1 Juventudes: Uma perspectiva plural

*Existe ainda outro problema lamentável, é tipo assim;  
A juventude do passado nos detesta por aí;  
Esquecem que um dia também foram adolescentes;  
E de repente até foram piores que a gente;  
Nunca ficaram bem loucos eu pergunto;  
Nunca fizeram nada errado nem por um minuto (...).  
Não se preocupem por que somos assim;  
Somos da nova geração e não somos tão ruins  
(Somos assim - Fação Central, 1995)*

A categoria juventude construiu-se a partir de diversas definições debruçadas sob critérios históricos e culturais. Entender o jovem como sujeito social, ou seja, como um ser singular dotado de uma história e da capacidade de interpretar o mundo e dar-lhe sentido, dando também sentido à posição que ocupa nele, suas relações com outros sujeitos e sua própria história e singularidade (DAYRELL, 2003) tem-se feito necessário e presente em diversas pesquisas e campos de atuação.

No Brasil, com a promulgação do ECA (BRASIL, 1990), foram definidas legalmente as categorias Infância e Adolescência, assim, entende-se como criança aquele ou aquela com 12 anos incompletos, e adolescente aquele que tem entre 12 e 18 anos incompletos. No entanto, faz-se necessário destacar que o “ser jovem” varia conforme o tempo e o espaço, conforme a cultura e as características de cada sociedade. Margullis e Urresti (1998) afirmam que a juventude é um signo, uma construção social, entretanto sem deixar de articular-se com as condições sociais e histórico-culturais que jamais serão homogêneas entre eles.

Guimarães (2009) anuncia que:

por detrás de cada trajetória singular de cada um desses jovens existem complexas redes de relações sociais que fazem deles sujeitos sociais, seres distintos em cada configuração social na qual estão em constante intervenção. (GUIMARÃES, 2009, p. 53)

Assim, faz-se necessário compreender que não se oferece de forma igual para todos os integrantes da categoria jovem as condições históricas, culturais e sociais e, com isso, não trataremos de uma juventude homogênea, ainda que partamos da perspectiva de que a juventude, de forma genérica no âmbito da sociabilidade capitalista “surja” enquanto um tempo acrescido de preparação para a complexidade das tarefas de produção e a sofisticação

das relações sociais que a sociedade industrial trouxe (ABRAMO, 2005); mas atravessada por diversos fatores que produzam a compreensão de que “os sujeitos jovens (ou as juventudes) teimam em ser uma unidade do diverso, econômico, cultural, étnico, de gênero, de religião etc” (FRIGOTTO, 2004, p. 181).

Dessa forma, o presente trabalho irá compreender a juventude em uma condição de Juventudes, assumindo uma perspectiva plural entendendo e dialogando a partir das inúmeras diferenças existentes no interior dos grupos juvenis. Assim como abordado por Borba (2012), compreenderemos principalmente essa condição como um momento de reavaliação de valores e conceitos, na perspectiva de busca pela autonomia e de identificação com grupos, a partir de um processo dialético de identificação/desidentificação procurando encontrar seu lugar no mundo; mas ainda sempre atravessados por categorias como gênero, classe social, etnia e faixa etária.

Nessa perspectiva, Pereira (2007) aponta que para compreender a juventude é preciso captar que há

diversas possibilidades de apreensão se articulada com outros elementos como cidade ou espaço urbano, etnicidade, corpo, gênero, classe social e até mesmo lazer e violência (...). Assim, quem sabe, estes elementos não possam conferir múltiplos sentidos à ideia de juventude, bem como esta também possa aferir novas maneiras de se compreender estas outras categorias. Podendo, inclusive, mais de uma destas variáveis se relacionar ao mesmo tempo com a noção de juventude para produzir novos arranjos culturais. (PEREIRA, 2007, p. 16)

Com isso, apreende-se que as características biológicas não devem determinar de forma a totalizar a condição juvenil em apenas um corpo. É necessário realizar as diversas apreensões que incluem o fator geracional da mesma forma que a circunstância cultural inscrita e pertencente àquela sociabilidade, socializada, assim, em diferentes códigos, capaz de apreender novos modos de ser (MARGULLIS E URRESTI, 1998), bem como citado por Groppo (2004) ao observar que “a realidade da juventude não é tão somente da ordem da ‘natureza’, mas principalmente da ordem do social e, portanto, uma criação histórica, não um invariante universal” (GROPPO, 2004, p. 11).

Partindo, então, do pressuposto da juventude como uma categoria plural e, portanto, contextualizada a partir de juventudes, Guimarães (2009) irá afirmar que “o próprio discurso hegemônico que pensa a juventude como uma entidade universal já traz consigo uma forma de manipulação explícita dessa temática que oculta toda a diversidade e complexidade” (GUIMARÃES, 2009, p. 53), partilhando da reflexão de que, nomeado por ele, o “fenômeno

da(s) juventude(s)” é revestido por uma dimensão histórica e sociocultural e de formas temporais e sociais de representar e vivenciar o que aqui denominamos como juventude.

Desse modo, pensar essa manipulação trazida por Guimarães propõe-nos refletir de que forma a categoria social “juventudes” constrói-se em nossa sociabilidade capitalista, que, partindo do cerne de Groppo (2004):

A juventude trata-se de uma categoria social usada para classificar indivíduos, normatizar comportamentos, definir direitos e deveres. (...) De modo análogo a estrutura da sociedade em classes, a modernização também criou grupos etários homogêneos, categorias que orientam o comportamento social, entre elas, a juventude. (GROPPO, 2004, p. 11)

Assim, Pais (2003) irá nos apresentar duas perspectivas de apreender as juventudes: a partir da “corrente geracional” que levará em conta o critério etário em relação a geração adulta e a “corrente classista” que advém dos termos da reprodução de classe social e da relação de classe como elemento dominante, atribuindo significado político e compreendendo a juventude como forma de resistência política. Outrossim, para o autor, em ambas as correntes a “cultura juvenil” (PAIS, 2003) surge associada, como uma forma de contraposição, ou não, com a da cultura dominante.

Partindo, pois, deste pressuposto de compreensão de uma perspectiva “classista” para compreender as juventudes enquanto

conjunto social com características diversas, constituído de diferentes culturas e os mais variados grupos sociais que, em sua gênese, são ligados, entre outros fatores, às diferenças de classe, às situações econômicas distintas e às diversas configurações de poder que emergem nas várias dimensões das relações sociais (GUIMARÃES, 2009, p. 55)

cabe elencar duas questões essenciais para pensar as juventudes inseridas nessa sociedade: o jovem como “problema social” e a forma de inseri-lo e compreendê-lo nas políticas públicas, em uma perspectiva da questão social adensada no debate contemporâneo.

### 3.2 Violência, trabalho e educação: a questão social inserida na vida dos jovens

*Domado eu não vivo, eu não quero seu crime e  
Ver minha mãe jogar rosas  
Sou cravo, vivi dentre os espinhos  
treinados com as pragas da horta  
Pior que eu já morri tantas antes de você me encher de  
bala  
Não marca, nossa alma sorri  
Briga é resistir nesse campo de fardas*  
(Mandume - Emicida; Drik Barbosa; Amiri; Rico Dalasam;  
Muzzike; Raphão Alaafin, 2015)

Segundo Sposito e Carrano (2003) a população jovem, entre 15 e 24 anos, cresceu no Brasil de forma expressiva nas últimas décadas. Os dados apontam que de 8,3 milhões em 1940 a juventude somou 34,1 milhões em 2000.

De forma análoga, os dados do Mapa da Violência de 2014, que tratou “Os Jovens do Brasil”, feito com base nos dados do Ministério da Saúde e que comparou dados de 1980, 2002 e 2012 acerca da mortalidade juvenil, trouxeram apontamentos alarmantes: neste período, 28,8% das mortes de jovens foram causadas por homicídio, já para os não-jovens os homicídios representam 2% dos óbitos. Em 2012, 38,7% das mortes de jovens ocorreu por homicídio, enquanto 2,4% das mortes de não jovens ocorreu pelo mesmo motivo. Os homicídios foram, portanto, a principal causa de morte de jovens de 15 a 29 anos no Brasil. Segundo os dados, mais da metade dos 56.337 mortos por homicídio, em 2012, no Brasil, eram jovens e, em uma perspectiva de gênero e etnia, 77,0% eram negros (pretos e pardos) e 93,30% eram do sexo masculino (WAISELFISZ, 2014).

Por conseguinte, para compreender esse cenário de violência em que encontramos as juventudes imersas, faz-se necessário, primeiramente, contextualizá-las social, econômica e culturalmente na sociedade de produção e reprodução capitalista. Nesse sentido, a concentração e centralização dos capitais, concorrências e crédito, juntamente da incorporação da ciência no processo de produção, construíram progresso da acumulação e aumento da produtividade na sociedade do capital. Segundo Iamamoto (2008), quanto maior o processo de acumulação, mais a classe trabalhadora produz, de maneira que os detentores dos meios de produção extraem maior contingente de mais-valia, ampliando as jornadas de

trabalho e intensificando esse processo de produção do trabalhador, no entanto em uma progressão maior do que se pode consumir.

Dessa maneira, conseqüentemente, há aumento do número de trabalhadores aptos ao trabalho e impedidos de trabalhar, o que acirra a concorrência entre trabalhadores que se tornam supérfluos para o capitalismo. De acordo com Marx (1985) “a lei da acumulação se expressa, na órbita capitalista, às avessas: no fato de que parcela da população trabalhadora sempre cresce mais rapidamente do que a necessidade de seu emprego para os fins de valorização do capital” (MARX, 1985, p. 209).

Assim, apreende-se que a acumulação do capital se torna relativa a acumulação da miséria e, daí, partimos para a gênese da “questão social”: a contradição entre o caráter coletivo da produção e a apropriação privada da própria atividade humana. Iamamoto e Carvalho (2011) a definem, de forma simples e magistral como:

[...] as expressões do processo de formação e desenvolvimento da classe operária e de seu ingresso no cenário político da sociedade, exigindo seu reconhecimento como classe por parte do empresariado e do Estado. É a manifestação, no cotidiano da vida social, da contradição entre o proletariado e a burguesia, a qual passa a exigir outros tipos de intervenção, mais além da caridade e repressão. (Iamamoto & Carvalho, 2011, p. 7)

No Brasil, com a expansão monopolista a partir do contexto da Ditadura Civil e Militar, no ano de 1964, há uma internacionalização da economia que gerou uma modernização conservadora (IAMAMOTO, 2008). Nesse contexto, a partir dos processos de concentração, centralização e acumulação dos capitais, há um agravamento do desemprego estrutural, terceirização e flexibilização da força de trabalho, precarizando as condições de vida. Para Iamamoto (2008) é a partir dessa expansão que o Estado, capturado pela lógica monopolista, realiza intervenções ainda mais diretas na vida econômica, realizando uma fusão entre as funções econômicas e políticas do Estado que se expressa enquanto “comitê executivo da burguesia monopolista” (IAMAMOTO, 2008, p. 48).

Dessa forma, o Estado passa a gerir as expressões da questão social em forma de “problemas sociais” - afirmando o caráter público da categoria - a partir da administração feita de suas refrações e reforçando uma aparência de natureza privada, através do isolamento dos problemas dos indivíduos. Segundo Iamamoto, o Estado passa a “administrar e gerir o conflito de classe não apenas via coerção, mas buscando construir um consenso favorável ao funcionamento da sociedade no enfrentamento da questão social” (IAMAMOTO, 2008, p. 171).



É nesse cenário, pois, de radicalização da desigualdade e empobrecimento generalizado, contraposto com as formas colocadas pelo Estado de administrar a questão social a partir de “problemas sociais”, que há uma expansão do aparato penal, na ótica de uma contenção e repressão das “desordens da classe trabalhadora”, que muitas vezes estão vinculadas à juventude desta classe (SILVEIRA, 2016). Esse contexto é autor de um encarceramento em massa e do que Wacquant (2003) irá definir como “criminalização da pobreza”.

Abramo (1997) discute tal questão a partir de diferentes pontos, sendo eles: 1. os noticiários que veiculam os jovens enquanto “problema social” relacionando-os à violência, ao crime, à exploração sexual e ao uso de substâncias psicoativas; 2. as produções acadêmicas que apresentam materiais em maior contingente sobre a relação dos sistemas e instituições presentes na vida da juventude (Escola, Família, sistemas jurídicos e penais), tornando recente a produção com foco nas experiências, percepções, formas de sociabilidade e atuação na perspectiva dos próprios jovens, e 3. as políticas públicas para as juventudes que seguem a mesma abordagem dos noticiários e das produções acadêmicas. Para a autora, nesse último ponto, a abordagem adotada para denominar esses fenômenos na juventude é sempre o de “desvantagem social” ou de “risco”, tomando, assim, o jovem como problema sobre o qual é necessário intervir, buscando uma salvação ou reintegração à ordem social:

É quase como se, apesar de terem crescido o número de ações e programas destinados a jovens e adolescentes, eles continuem apenas desfocadamente visíveis, obscurecidos por uma sensação de que esta falta de instrumentos e “jeito” se deve ao fato de que “a adolescência é mesmo uma fase difícil” de se lidar. (ABRAMO, 1997, p. 27)

Os efeitos da sociedade de produção e reprodução capitalista acabam por produzir um discurso, segundo Groppo (2004), de uma juventude “desregrada”, viciada, promíscua, indisciplinada, delinquente e formadora de bandos criminosos sem que ficasse claro para o discurso social, e até para as ciências, qual era a relação entre o avanço do capitalismo em seu sistema de acumulação, produção e distribuição e os problemas sociais associados às juventudes daí decorrentes. Dessa maneira, as juventudes só passam a ser objeto de intervenção e ação do Estado a partir do momento que possuem suas condições de vida agravadas com a exacerbação da questão social.

Assim, esses jovens se colocam, de maneira caricatural, apenas como objeto de intervenção, contenção ou salvação. Para Valadão (2013), na perspectiva de que o ajuste neoliberal não é apenas de natureza econômica - redefinindo o campo político e das relações

sociais globalmente - há um aprofundamento da pobreza dos jovens brasileiros que “chamam a atenção da sociedade como vítimas ou protagonistas de ‘problemas sociais’” (VALADÃO, 2013, p. 6).

Por conseguinte, a partir de um debate na contemporaneidade, pode-se observar que a questão social se expressa de forma mais contundente e incisiva na sociabilidade dos jovens na perspectiva do trabalho, da educação e da violência (SILVEIRA, 2016). A questão do trabalho se desvenda a partir dos dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT) (2007) que mostram que o desemprego atinge 16% dos jovens, sendo que 21% dos jovens não trabalham e nem estudam e 18% trabalham na informalidade aliada à precariedade:

O que mais diferencia os jovens dos adultos é o tipo de emprego a que eles têm acesso. Dois de cada três jovens trabalham em atividades informais, onde freqüentemente (sic) a remuneração é menor que o salário mínimo e sem cobertura da previdência social. Em termos de renda, um jovem ganha, em média, 56% do que um adulto recebe (OIT, 2007, p. 15).

Silveira (2016) irá utilizar a expressão “marginalizado economicamente” (MOVIMENTO NACIONAL DE MENINOS E MENINAS DE RUA, 1991, p. 44) para sistematizar a realidade vivida pelo jovem no Brasil diante dos dados, elucidando o que Guimarães (2009) também dialoga ao afirmar que os privilégios vivenciados por jovens em determinadas classes sociais é que estabelecem a experimentação, ou não, da juventude em sua plenitude.

Já em relação à educação, Dayrell (2007) afirma que “ao lado de sua condição como jovens, alia-se a pobreza, numa dupla condição que interfere diretamente na trajetória de vida e nas possibilidades que assumem a vivência juvenil” (DAYRELL, 2007, p. 1108) o que permite compreender que o pauperismo e o agravamento das desigualdades incidem na vida desses jovens de maneira que o simples acesso a escola não permite um pleno acesso a educação de qualidade, distanciando-os de uma educação emancipadora, mas também garantindo uma exclusão social da perspectiva de assegurar a concorrência entre os trabalhadores, tornando-os supérfluos ao capitalismo. Silveira (2016) aponta que:

são três fatores que se associam para penalizar a juventude da classe trabalhadora: primeiro, a escola pública, uma escola de acordo com a classe social, que deve oferecer um ensino mais rápido e profissionalizante no sentido estrito de treinamento (concepção de educação para o mercado), a qual possui iniciativas focalizadas em setores populares, pontuais, de curta duração e voltadas para a inclusão social de jovens via a capacitação profissional; segundo, o desmonte da escola básica, que deixa de ser direito e passa a ser filantropia; e, por fim, a adoção da ideologia mercadológica, a pedagogia das competências e da empregabilidade, sob a qual os trabalhadores com pouca ou nenhuma escolaridade são classificados como “inimpreáveis”, desconsiderando os aspectos macrosociais de exclusão de classe (com a apropriação privada do produto social pelo capital) e as transformações do mundo do trabalho (como o desemprego estrutural, a flexibilização e precarização do trabalho), que responsabiliza esses jovens por sua situação de vítima dentro de uma situação que é estrutural. (SILVEIRA, 2016, p. 9)

No que tange a violência, a autora também irá apontar os dados trazidos por Waiselfisz (2014) que identificam a juventude como a faixa etária que mais morre por homicídio no Brasil para classificar, a partir de Minayo (1994), que os altos índices de desigualdades sociais, omissão do Estado e sua ineficiência de investimento em políticas públicas e a organização do crime em torno do narcotráfico contribuem enquanto causas para esses dados alarmantes. Silveira (2016) também irá afirmar, no horizonte da questão social enquanto produção, acumulação e distribuição da riqueza social, expressada por meio das consequências desse processo, que a violência se materializa como um dos complexos dessa totalidade, atrelada ao modo de produção capitalista, permeada por contradições e determinações e reprodutora das relações sociais sustentadas por esse sistema.

Dessa forma, compreendendo a categoria juventudes em sua pluralidade e totalidade, suas relações com gênero, raça-etnia, sexualidade, classe social e a maneira como se vivencia a adolescência a partir dessas marcas - e que carregam as expressões da questão social - através de uma leitura da realidade em seus aspectos históricos, sociais, econômicos e culturais inscritos em uma sociabilidade capitalista, cabe compreender de que forma essas relações se dão.

Margullis e Urresti (1998) irão afirmar que a condição de juventude se oferece de maneira diferente para cada gênero porque a forma como cada corpo é processado pela sociedade e pela cultura incide na sua forma de experienciar a juventude, o que nos leva a compreender as diferentes formas de ‘ser’ juventude em nossa sociedade. A partir desse debate, Cisne (2018) em uma perspectiva marxista irá nomear nossa sociedade como “patriarcal-racista-capitalista” através dos “antagonismos inscritos em uma materialidade de corpos reais, que possuem sexo/sexualidade, raça/etnia” (CISNE, 2018, p. 213).

Essa compreensão permite, em uma abordagem materialista histórica e dialética (KOSIK, 2002) analisar as relações sociais a partir de uma criticidade na perspectiva de uma

totalidade, compreendendo os fenômenos em sua essência, para além do imediato. Assim, Cisne (2018) ao compreender a sociedade para além de sua produção e reprodução capitalista, mas inscrita em um modelo patriarcal e racista, apreende a necessidade de entender as particularidades da classe para, desta forma, compreendê-la em sua totalidade.

A respeito disso, Saffioti (2004) irá apontar que essas relações de raça-etnia, gênero e classe não aparecem como intersecções, mas relacionadas como um nó:

O importante é analisar estas contradições na condição de fundidas e enoveladas ou enlaçadas em um nó. [...] Não que cada uma destas condições atue livre e isoladamente. No nó, elas passam a apresentar uma dinâmica especial, própria do nó. Ou seja, a dinâmica de cada uma condiciona-se à nova realidade. De acordo com as circunstâncias históricas, cada uma das contradições integrantes do nó adquire relevos distintos. E esta motilidade é importante reter, a fim de não se tomar nada como fixo, aí inclusa a organização social destas subestruturas na estrutura global, ou seja, destas contradições no seio da nova realidade — novo patriarcado-racismo-capitalismo — historicamente constituída. (SAFFIOTI, 2004, p. 125)

Com isso, compreende-se, no contexto de radicalização da desigualdade e acirramento da questão social e suas expressões, as fendas encontradas pelo capitalismo para atuar nessas dimensões enoveladas. Há, portanto, um aumento da capacidade de exploração a partir dessas dimensões, que também incidem de forma expressiva nas juventudes, compreendidas nesse contexto patriarcal-racista-capitalista.

Essa abordagem materialista-histórica-dialética, que apreende o singular, particular e universal como componentes da totalidade e, portanto, de necessária apreensão para compreender seus enovelados, possibilita uma leitura das juventudes em todas suas singularidades e particularidades, mas também em seu caráter universal para, desta forma, realizar uma leitura da totalidade; tendo como princípio que raça-etnia, gênero, sexualidade, e ainda a classe, são elementos estruturantes da sociedade, não em uma perspectiva de somatória, mas sim dos próprios enovelados, pois cada jovem expressa suas marcas de forma singular.

#### 4. “JUVENTUDE É UM GRITO QUE NÃO PODE SER CALADO”

*Da vida quero tudo  
com todos os becos sem saída  
sussa sem roleta russa  
que espreita uma geração.  
Com todas as trincheiras,  
todas as fardas e todas as armas.  
O sonho só acontece quando você acorda  
basta olhar ao redor,  
o que não muda deve ser mudado.  
Juventude é um grito que não pode ser calado.  
(O Grito das ruas - Sergio Vaz, 2013)*

#### 4.1 O Intelectual Orgânico

Os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes, a questão é transformá-lo. (MARX e ENGELS, 1985, p. 111)

Os dados de mortalidade juvenil (WAISELFISZ, 2014) aliados ao caminho traçado no capítulo anterior acerca das maneiras pelas quais as expressões da questão social incidem na sociabilidade das juventudes brasileiras e seus enovelados de uma sociedade patriarcal-racista-capitalista tornam importante ressaltar a relevância de dar voz a esses sujeitos jovens - silenciados pela violência; mortalidade; ausência de políticas públicas em perspectivas distintas àquelas que os visualizam como categoria de risco ou problema social em uma concepção de intervenção, salvação ou reintegração (ABRAMO, 1997) - para transformação e ampliação de direitos, condições e experiências de vida, visto que diante dos inúmeros processos de violência sofridos durante a trajetória histórica e social dessas juventudes é observado a estatização de seu lugar social, sem perspectiva de nenhuma mudança, a partir da banalização e naturalização dessa violência em favor de uma incidência cada vez mais comum. Abramo (1997) irá apontar uma necessidade de “incorporá-los como capazes de formular questões significativas, de propor ações relevantes, de sustentar uma relação dialógica com outros atores, de contribuir para a solução dos problemas sociais, além de simplesmente sofrê-los ou ignorá-los” (ABRAMO, 1997, p. 28).

Aponta-se, dessa forma, para as tendências de construção de uma perspectiva de formação de um jovem autônomo, solidário e participativo, envolvido na solução de adversidades na comunidade, na escola e na sociedade através de participação ativa e construtiva, sendo assim, o que Costa (1998) definiu como protagonismo juvenil. Esse discurso irá ser pautado com base em uma preocupação acerca da ausência dos jovens nos espaços de participação política, sob um discurso de desinteresse vivenciado pela juventude. Segundo Costa (1998):

Protagonismo juvenil é a participação do adolescente em atividades que extrapolam os âmbitos de seus interesses individuais e familiares e que podem ter como espaço a escola, os diversos âmbitos da vida comunitária; igrejas, clubes, associações e até mesmo a sociedade em sentido mais amplo, através de campanhas, movimentos e outras formas de mobilização que transcendem os limites de seu entorno sócio-comunitário (COSTA, 1998, p. 90)

O discurso do protagonismo juvenil foi utilizado pela primeira vez por uma organização não governamental, apropriado do conceito criado por Antonio Carlos Gomes da Costa, e mais tarde incorporado por partidos políticos, escolas, a própria mídia e hoje estão presentes até na construção de políticas públicas. No entanto os estudos de Souza (2006) apontam para ações, embasadas nesse “protagonismo juvenil”, que colocam o jovem enquanto objeto de intervenção, não sujeito. Segundo a autora, o discurso do protagonismo juvenil aparece enquanto forma de “solução de problemas sociais” relacionados às juventudes, no mesmo formato das organizações-não-governamentais (ONGs) que, de acordo com Souza (2006), surgem na década de 1980 no Brasil com o enunciado de “solução” e em nome de valores como “responsabilidade social” e “solidariedade”, apresentando-se como alternativa à ineficiência e burocracia estatal e, paulatinamente, passam a ocupar o lugar dos movimentos sociais adotando uma linguagem neutralizadora.

Para Souza, o discurso aparece como maneira de desmentir a imagem do jovem apático e alienado para uma nova forma e um possível modelo de ação política, de modo que “é possível afirmar que o discurso do *protagonismo juvenil* seja uma resposta à expectativa adulta de reencontro da juventude com a política, porém de uma juventude ampliada em faixa etária e em origem social que *faz* uma política também transformada” (SOUZA, 2006, p. 18-19, grifos da autora). Com isso, essa “nova forma” de política não aparece como produção e reprodução de rebeldia e resistência da juventude, mas como mecanismo de integrá-la enquanto categoria singular, sem compreender e apreender suas possibilidades plurais e diferenciações que transpassam e transcendem.

Assim, nessa contradição em que se coloca a questão do protagonismo, há, segundo Souza (2006) o reforço da perspectiva do jovem enquanto ameaça social, levando em consideração o pressuposto adotado e apropriado por esse discurso de um estado de insatisfação e descrença política presente nas juventudes que gera um ativismo privado (dos indivíduos ou das ONGs) como meio de provocar a mudança a partir de uma participação cidadã. O resultado desse ativismo privado, que se realiza em favor de uma ordem social a ser (re) estabelecida e reproduzida, é um consenso forjado pelo discurso por meio de uma coerção indireta. A autora bem aponta isso ao afirmar que

Nas últimas décadas, o eixo das interpretações dos estudos sobre juventude deslocou-se da noção de crise para a situação de exclusão-inclusão. Assim, a preocupação dos governos e organismos internacionais tem sido com a integração da juventude pobre, que vive uma situação considerada como de exclusão. Também se deslocou a ameaça juvenil. Nos dias de hoje, o temor da desestabilização social advém da situação de pobreza e exclusão de grandes parcelas da população juvenil, base de grande parte das explicações para a adesão da juventude às drogas e à violência. Assim é que a participação da juventude é considerada meio de evitar o descontrole e assegurar a coesão social. Por sua vez, o sucesso das medidas de integração depende menos da coerção, disciplinamento ou repressão que da motivação do jovem, objeto da intervenção. Pode-se afirmar, portanto, que o protagonismo juvenil seja um discurso que suscita no jovem a necessária motivação para ser integrado, na medida em que manifesta uma suposta posição de destaque da juventude diante do objetivo de uma certa mudança social e apela ao “sentir-se útil” ou à valorização do indivíduo que se propõe a fazer coisas, base das “novas formas” de política. (SOUZA, 2006, p. 9)

É nessa perspectiva que apontamos para uma interpretação desse jovem enquanto intelectual orgânico, e não em uma visão protagonista. Para tanto, faz-se necessário compreender o contexto no qual apreendemos esse conceito, à luz de Gramsci. O autor traz a análise de que há uma necessidade de que os seres sociais assumam a consciência de sua própria história para, assim, compreender em verdade a forma como se organiza e se estrutura a ideologia da classe social dominante, ou seja, como se realiza “a organização material voltada para manter, defender e desenvolver a frente teórico ideológica” (GRAMSCI, 2000, p. 332).

Nesse sentido, segundo Gramsci (2000), se um grupo social tem uma própria compreensão de mundo, aí está a libertação do homem da reprodução dos valores, ideologias e força de trabalho em favor do grupo que é dominante. Com isso, o autor traz o conceito de “hegemonia”, que explica o consentimento da subalternidade de uma classe para outra. Entende-se por processo de hegemonia o predomínio ou prevalência de um determinado interesse ou vontade de certo grupo sobre as demais, porém ainda coexistindo - em disputa - com outros interesses e vontades. Assim, ainda que existam, de forma democrática, uma diversidade de projetos coletivos em disputa, hegemonicamente, um determinado projeto - então, dominante - afirma-se à frente e de forma a controlar e direcionar aquela sociedade.

Com isso, a hegemonia diz respeito a direção moral e política de uma classe que detém poder sobre todo o conjunto da sociedade, compreendendo que a classe dominante irá transcender seus interesses para, desta forma, incorporar os interesses das classes subalternas e forjar um consenso a partir de uma falsa representação dos interesses de todo o coletivo, ou



seja, a hegemonia não refere-se a dominação, mas ao aliar-se do consenso e da coerção. Corresponde, pois, à capacidade de uma classe de unificar seu projeto social ao redor de seus interesses (GRAMSCI, 2000).

A hegemonia de um projeto, ou grupo, em detrimento de outros na direção da sociedade é realizada pela “sociedade política”, segundo o autor. Dessa forma, para Gramsci (2001), a sociedade política contextualiza-se, no plano da superestrutura, de forma que:

pode-se por enquanto fixar dois grandes “planos” superestruturais: o que pode ser chamado de “sociedade civil” (isto é, o conjunto de organizações chamados comumente de “privados”) e o da “sociedade política” ou Estado, que correspondem à função de “hegemonia” que o grupo dominante exerce em toda a sociedade e àquela de “domínio direto” ou de comando, que se expressa no Estado e no governo “jurídico”. (GRAMSCI, 2001, p. 1518)

Com isso, sociedade política e sociedade civil compõe o Estado ampliado de Gramsci, território onde a superestrutura - ou seja, o conjunto das relações ideológicas e culturais - da sociedade se organiza de maneira que a sociedade política compreende o conjunto das leis, a burocracia, o exército - ou seja, as formas pelas quais o grupo hegemônico e dominante mantém sua direção a partir de um consenso - e a sociedade civil apreende o espaço onde o conflito, ou disputa, das classes acontece. As sociedades civil e política apenas diferenciam-se pelas funções que exercem na articulação e reprodução das relações de poder na sociedade e, portanto, a união das duas como Estado ampliado significa a hegemonia revestida de coerção (COUTINHO, 2007).

E é no campo da sociedade civil que atua o intelectual orgânico. Segundo Angeli (2011) “se uma classe não consegue seus próprios intelectuais ela é incapaz de se transformar numa força hegemônica” (ANGELI, 2011, p. 131). Para tanto, compreende-se que o intelectual orgânico está, de forma significativa, relacionado com os processos de formação da hegemonia e com o conceito de Estado em Gramsci. O intelectual está sempre em uma relação dialética com o mundo - e aqui, compreende-se dialética enquanto desenvolvimento e a transformação dos fatos dentro de uma trama de relações entre aquilo que é histórico com aquilo que é realidade (FRIGOTTO, 2000) - de forma que no processo propriamente de todos os seres sociais de assumir a consciência de sua própria história é necessário atenção e esforço desses intelectuais para que o grupo da classe subalterna realize um movimento contra-hegemônico a fim de exprimir uma concepção de classe e reconhecer a contradição inerente na sociedade capitalista para desnaturalizá-la.

Assim, a partir desta relação estabelecida, compreendamos quem é esse intelectual

orgânico. Para Gramsci (1991) “todos os homens são intelectuais, poder-se-ia dizer então; mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais” (GRAMSCI, 1991, p. 7). Com isso, a organicidade do intelectual se define pela consciência e prática com uma determinada classe e, portanto, a forma como se relaciona a partir dos vínculos com esta classe que representam.

O intelectual é, outrossim, aquele que irá fomentar o processo de consciência na classe trabalhadora a partir de um caminho que Gramsci (1991) irá determinar catarse. Entende-se enquanto catarse a passagem do senso comum, ou seja, da reprodução da ideologia dominante sem uma reflexão consciente, para o senso crítico, que corresponde a saída do aparente para fazer uma reflexão sobre a essência. Sabóia (1990) bem esclarece isso ao apontar que:

pode-se empregar a expressão “catarses” para indicar a passagem do momento permanentemente econômico (ou egoísta-passional) ao momento ético-político, isto é, a elaboração superior da estrutura em superestrutura na consciência dos homens. Isto significa, também, a passagem do “objetivo ao subjetivo” e da “necessidade a liberdade”. (SABÓIA, 1990, p. 49)

Esse senso-comum, referido pelo autor, não diz respeito a uma categoria imóvel e imutável, mas dialética. Assim, o senso-comum se transforma ininterruptamente a fim de apropriar-se dos interesses das classes subalternas mediado sempre pelos interesses das classes dominantes, mantendo o consenso necessário para a reprodução das relações sociais da sociedade capitalista. Para Gramsci (1991):

O senso-comum é o folclore da filosofia e ocupa sempre um lugar intermediário entre o folclore propriamente dito (isto é, tal como entendido comumente) e a filosofia, a ciência, a economia dos cientistas. O senso comum cria o futuro do folclore, isto é, uma fase relativamente enrijecida dos conhecimentos populares de uma certa época e lugar. (GRAMSCI, 1991, p. 176)

Dessa maneira, o momento catártico irá se realizar de maneira que transforma a estrutura até então naturalizada em possibilidade de transformação, abrindo caminhos a liberdade como instrumento para criar nova forma ético-política de reprodução das relações sociais. Compreende-se, por conseguinte, que a catarse classifica-se como processo efetivo de transformação da realidade dos indivíduos, mas também do coletivo, configurando-se como modo pelo qual há uma passagem da estrutura à superestrutura, da necessidade à liberdade, produzindo um indivíduo capaz de construir o “bloco histórico” da sociedade que integra dialeticamente a hegemonia, ou seja, as forças da esfera econômica com as expressões culturais e participação da classe subalterna, o que Gramsci (2000) irá chamar de contra-

hegemonia.

A catarse, outrossim, se realiza de maneira a exercer o início da filosofia da práxis, ou seja, resultam em um desenvolvimento dialético (SABÓIA, 1990). A construção desses novos modos de pensar para produzir uma contra-hegemonia que suplante o senso-comum relaciona-se com nosso ponto de partida: a necessidade de que os indivíduos tenham consciência de sua própria história, ou seja, conheçam e reconheçam a realidade na qual estão inseridos de forma que construam uma consciência e concepção de classe e realizem uma reflexão acerca de sua história e compreensão de mundo.

Nessa contextualização é que se dá a filosofia da práxis: na ação precedida da reflexão e, assim, novamente, pela ação. Ou seja, ela permite que o “modo de pensar precedente” se transforme em “reflexão crítica de uma atividade já existente”. Assim, realiza-se processo consciente e ativo de contraposição à ideologia dominante que amadureça em uma visão independente e superior de mundo, no qual, e de maneira que, converge a unidade da classe, em seus múltiplos e diferentes grupos, pelos mesmos horizontes políticos e sociais. Nessa relação, a passagem catártica do senso-comum ao senso-crítico se dá no campo da filosofia da práxis de maneira que torna possível o progresso intelectual das massas, não apenas de pequenos grupos intelectuais (SIMIONATTO, 2009).

O intelectual, portanto, possibilita os processos catárticos da classe a qual faz parte e representa e, segundo Simionatto (2009) é “através da filosofia da práxis que têm a possibilidade de purificar o senso comum, produzindo a consciência crítica e histórica de uma classe social” (SIMIONATTO, 2009, p. 45). Assim, entende-se que o intelectual orgânico corresponde àquele sujeito social que após passar pelo processo de catarse irá fomentar processos catárticos no coletivo de sua classe.

É na perspectiva de entendimento de que a consciência e reflexão dos sujeitos, que delas são capazes de compreender e realizar, lhes é sequestrada pela ideologia dominante e suas formas de se reproduzir e se estabelecer enquanto consenso hegemônico, que apreendemos que o - por Gramsci determinado - intelectual orgânico não tem um papel de líder de maneira a se distanciar da classe o qual representa e se identifica, mas de realizar trabalho educativo e de base (DURIGUETTO, 2014).

Dessa maneira, aponta Jacinto (2017) que “os intelectuais orgânicos atuam nos processos de formação de uma consciência crítica, ou seja, estabelecem uma relação orgânica com a classe que se identificam” (JACINTO, 2017, p. 87) e, assim, gerados diretamente por uma classe, tem a função de promover sua hegemonia realizando o movimento dialético entre

o contexto histórico-social e a concepção de mundo, permitindo que a ação revolucionária se desenvolva a partir do estímulo de formas organizativas.

É do contato e das observações das visões de mundo, das experiências, das ações e comportamentos das classes subalternas que os intelectuais devem se alimentar para suas formulações teóricas e ações políticas. É firmada uma aliança entre o intelectual orgânico e a classe que representa, existe uma identidade de objetivos. (JACINTO, 2017, p. 87).

Assim, atribui-se ao intelectual a formação de uma consciência crítica relacionada à nova concepção de mundo da classe subalterna, ou seja, a classe a qual se identifica para, desta maneira, realizar processo de fomentação de uma consciência coletiva a partir do modo homogêneo da sociedade de pensar e operar. Esse processo de consciência coletiva requer, para tanto, condições e iniciativas múltiplas que se relacione às especialidades próprias dos intelectuais inseridos na sociedade e na classe a qual representam e de um trabalho educativo-formativo a partir de sua própria realidade (DURIGUETTO, 2014)

Esse trabalho o qual o intelectual desempenha em favor de sua classe para fomentar os processos de catarse relaciona-se com o conceito de cultura também explorado por Gramsci. Angeli (2011) aponta que “os intelectuais têm a responsabilidade de transformar os inícios rudes e ásperos - senso comum - em culturas coerentes, poderosas, plausíveis, ou seja, não se deixar levar pelo ‘canto do cisne’ que a produz” (ANGELI, 2011, p. 130), assim, para Gramsci compreende-se por cultura o exercício do pensamento e de relacionar causa e efeito de maneira orgânica.

Desta maneira o autor reflete acerca da discussão da cultura de modo que interpreta suas manifestações a partir das convicções, normas e ideias de um determinado grupo ou classe social que, com isso, torna-se patrimônio reflexivo, emotivo e intersubjetivo (ANGELI, 2011). Para tanto, Angeli afirma que

A cultura então é qualquer manifestação da espiritualidade humana – ciência, arte, religião, filosofia e a política – desde que exprime um produto no desenvolvimento histórico de um grupo social. Entretanto, Gramsci sabe que existem manifestações de cultura intelectual própria do capitalismo, de uma sociedade constituída por classes onde se produz duas culturas: a dos dominantes e a dos subalternos. (ANGELI, 2011, p. 131).

É nesse terreno, da cultura das classes subalternas, que o intelectual encontra possibilidade de atuar e desenvolver um trabalho educativo-formativo com a classe a qual se identifica (SIMIONATTO, 2009). As classes dominantes utilizam da dominação cultural e

sua capacidade de difusão de ideias, filosofia, valores e visão de mundo como elemento de reprodução do consenso e manutenção da hegemonia na sociedade. De maneira contra-hegemônica é nesse espaço das lutas sociais, no interior da sociedade civil no contexto do Estado ampliado, que há a possibilidade de transformação, do processo catártico.

Simionatto (2009) aponta que “cultura e política relacionam-se, para Gramsci, à perspectiva de transformação social, às formas de aceitação ou contestação das relações de poder existentes na sociedade.” (SIMIONATTO, 2009, p. 47). A contradição inerente ao processo de reprodução das relações sociais na sociedade capitalista, na compreensão da filosofia da práxis, possibilita que esses processos reflexivos aconteçam de forma simultânea e no mesmo terreno em que a cultura da classe dominante reproduz seus discursos, ideologias, valores e ações.

É partindo desses pressupostos que o intelectual orgânico deve realizar uma relação de vínculo e construção objetiva com a classe que representa, atuando nesse espaço da sociedade civil onde a classe dominante obtém o consenso em torno de seus objetivos e exerce a direção política, mas também onde se constrói a contra-hegemonia à classe burguesa, em movimento permanente de luta por projetos hegemônicos distintos, com norte sempre na transformação social.

#### 4.2 A construção da identidade do jovem intelectual orgânico

*Esses boy conhece Marx  
Nois conhece a fome  
Então cerra os punho, sorria  
E jamais volte pra sua quebrada de mão e mente vazias*  
(Levanta e Anda - Emicida e Rael da Rima, 2013)

É na perspectiva gramsciana de intelectual orgânico que iremos reconhecer os sujeitos jovens que constroem sua trajetória e identidade de maneira a despertar processo de consciência crítica em si e em outros jovens de sua sociabilidade. O jovem protagonista que multiplica suas experiências em projetos e espaços de promoção de cidadania aqui se transforma no intelectual orgânico que, a partir de catarses, fomenta processos de transformação social, no norte da emancipação humana e na luta pela hegemonia de outro projeto societário, diferente daquele imposto pela classe dominante.

Há de diferenciar essas nomenclaturas as vistas da discussão teórica que diverge essas

linhas de interpretação de realidade, na compreensão das juventudes em sua pluralidade e da real potencialidade visualizada nesses sujeitos jovens a partir de concretas e efetivas ações por eles promovidas em favor de sua categoria, no horizonte do jovem enquanto ator - aquele que promove, constrói e efetivamente participa da ação -, não como objeto de intervenção de adultos e instituições de forma passiva.

A partir desse pressuposto é que iremos observar a construção de identidade da jovem colaboradora da pesquisa em tela, compreendendo que, ao falar de construção de identidade, nos referimos a reflexão proposta por Souza, Reis e Santos (2015) acerca das identidades subjetivas enquanto construções que relacionam o interior e o exterior, o social e o psíquico. Dessa forma, construídas no interior da representação e

resultado de um processo de identificação que permite que nos posicionemos no interior das definições que os discursos culturais (exteriores) fornecem ou que nos subjetivemos (dentro deles). Sendo assim, os significados culturais não estão somente no nível mental, na imaginação, mas têm efeitos reais e regulam as práticas sociais. O reconhecimento dos significados, a sensação de pertencimento, é parte da consciência de nossa própria identidade. (SOUZA, REIS e SANTOS, 2015, p. 6).

Assim, compreender a construção de identidade desses sujeitos jovens, em uma perspectiva plural de juventudes, só se faz a partir da relação estabelecida entre interior e exterior, na totalidade, relacionando suas dimensões singulares e suas dimensões generalistas. Apreende-se, portanto, que aliados aos processos cotidianos e subjetividades vivenciadas por cada um desses sujeitos jovens, visualizadas a partir de sua singularidade e trajetória individual, estão os processos relacionados com o projeto societário no qual a vida desses jovens está inserida - em sua cultura, códigos, arte, performances - em uma perspectiva generalista. É essa aliança que cria um terreno próprio para a formação das identidades das juventudes (SOUZA, REIS E SANTOS, 2015).

Dessa forma, trazendo o debate teórico a luz de Gramsci para a realidade dos sujeitos jovens de forma prática, palpável e popular é que propomos a narrativa da trajetória de vida da colaboradora desta pesquisa. Compreendendo as potencialidades e vulnerabilidades inscritas na pluralidade das expressões culturais e dos modos de vida, contexto histórico-social e da própria organização material objetiva da vida desses jovens é que se torna possível interpretar de maneira efetiva as experiências dos grupos juvenis.

Souza, Reis e Santos (2015) apontam que

somente observando os contextos onde os jovens vivem cotidianamente é que podemos compreender seus sentimentos de pertencimento, como constroem seus símbolos e valores, expressos em seus modos de vestir, em seus gestos e em tudo que de alguma forma produz significado de si. (SOUZA, REIS e SANTOS, 2015, p. 5)

Propõe-se, com isso, a observação empírica do que aqui foi apontado, trazendo para a concretude do particular da vida de uma jovem a relação da teoria com o cotidiano, os sentimentos, afetos, símbolos e valores que carregam como significado - e resultado - a trajetória da construção de identidade de um intelectual orgânico assistido durante os quatro anos de graduação, para muito além desta pesquisa, e que, naquilo que de mais me tocou e sensibilizou, será apresentado no próximo capítulo.

## 5. “ELA DESATINOU, DESATOU NÓS”

*Triste louca ou má  
Será qualificada  
Ela quem recusar  
Seguir receita tal  
A receita cultural  
Do marido, da família  
Cuida, cuida da rotina  
Só mesmo rejeita  
Bem conhecida receita  
Quem não sem dores  
Aceita que tudo deve mudar*

(Triste, Louca ou Má - Francisco el hombre, 2016)



A trajetória de Marcia quase que coincide com minha trajetória de aproximação com as juventudes, no campo da ação e no campo da pesquisa. Mais ainda, ela me acompanha do quase começo até todo o futuro caminho que traçaríamos juntas: Marcia e Eu, Eu e as Juventudes. Encontramo-nos em 2015, ano em que ingressei na universidade e também no Projeto de Extensão “Juventudes e Funk na Baixada Santista: Território, Redes, Saúde e Educação”, em uma oficina desenvolvida na UNIFESP com a Escola Estadual Visconde de São Leopoldo.

Inicialmente, com a Escola Visconde de São Leopoldo, foram desenvolvidas oficinas acerca das temáticas de relações de gênero e relações raciais, no ano de 2015. Destaca-se uma sequência de oficinas realizadas a partir do tema “violência contra a mulher” em que o grupo de extensionistas exibiu para uma sala de 1º ano do Ensino Médio matutino e 3º ano do Ensino Médio noturno o filme “Sonhos Roubados” (Brasil, 2010, 85 minutos; Direção: Sandra Werneck) como norteador para a discussão. A sequência de oficinas foi desenvolvida em dois momentos: 1) a exibição e discussão do filme e 2) elaboração de um mural pelos/as estudantes com dados e reflexões sobre o tema como indutor para discussão sobre a violência de gênero no Brasil. Foram utilizados dados atualizados sobre as diferentes violências contra a mulher e trazidos para Oficina a partir de pesquisa de fontes confiáveis encontradas na internet.

Os/as alunos/as e extensionistas foram, então, divididos/as em duas salas, a partir do critério de gênero. Ou seja, o trabalho foi desenvolvido com grupos exclusivos de rapazes e moças, incluindo extensionistas que facilitaram cada uma das salas. Esta estratégia metodológica teve como objetivo desencadear discussões que proporcionassem voz e visibilidade às experiências vivenciadas pelos/as estudantes trazendo elementos da socialização de gênero, ao mesmo tempo em que pretendeu potencializar o trabalho entre pares. Com essa dinâmica, eles e elas conseguiram identificar situações cotidianas que se relacionavam com o conteúdo trabalhado. Foi possível, portanto, realizar aproximações entre essas vivências cotidianas e uma abordagem reflexiva que focou a violência de gênero.

A metodologia da Oficina permitiu apreender a importância de espaços de trocas e acolhimento, especialmente para as estudantes que trouxeram questões importantes de gênero e violência, inclusive em relação ao cotidiano escolar. Essa oficina foi meu primeiro encontro com Marcia e permitiu a construção de um vínculo que permeia toda a trajetória aqui relatada. Esse processo de troca de pares possibilitou o desenhar dessa pesquisa, ao observar a

construção de identidade da adolescente e relacioná-la ao conceito gramsciano de intelectual orgânico.

Marcia é uma adolescente que atualmente tem 19 anos, mas quando nos conhecemos ainda tinha 15. Ela é moradora da região que chamamos em Santos de “Zona Intermediária”, que compõe a região central da cidade já que se encontra entre a Orla e o Centro do município. A jovem morou durante toda a vida na Vila Mathias, bairro também onde se localiza a unidade Silva Jardim da UNIFESP, que contempla os cursos do Instituto Saúde e Sociedade. Durante o Ensino Fundamental e Médio, Marcia estudou na Escola Estadual Visconde de São Leopoldo. O colégio fica em uma esquina entre a rua Silva Jardim e a rua João Guerra, no bairro do Macuco, que também compõe essa região da cidade.

Durante muitas décadas os bairros da região central compuseram a parte nobre da cidade, que, a partir de um processo de decadência, ou ainda, isolamento geográfico, passou a se concentrar na Orla da praia. Dessa forma, as mudanças resultantes do processo implicaram na transformação dos ricos casarões em cortiços e na presença de empresas de exportação ligadas ao Porto com um comércio diversificado.

Em um resgate histórico dos processos pelos quais aquela região passou, retomamos o crescimento do Porto, no início do século XX, que, juntamente do progresso e a valorização do Centro Histórico da cidade pela economia cafeeira, concentrando ali também a força econômica e do comércio da cidade, consolidou aquele território enquanto símbolo de nobreza, ocupado e frequentado pela população privilegiada do município. Na década de 1980, entretanto, o pregão do café de Santos, que acontecia na Bolsa do Café, localizada no Centro Histórico, foi transferido para São Paulo. Inicia-se, com isso, o processo de decadência da região, marcada pela especulação imobiliária justificada a partir do deslocamento dos interesses econômicos ocorridos em consequência desse evento. Há uma marcada percepção de descuido da região no que se refere a políticas públicas e uso do território. Dessa forma, a região central de Santos resulta em uma das fortes demonstrações de desigualdade desse município com um expressivo contraste social e econômico.

Além disso, nos anos 2000, há a vinda da Universidade Federal de São Paulo para aquela região, mais especificamente para o bairro da Vila Mathias, caracterizando processo político de uso do território a partir de uma perspectiva de valorização e revitalização que, no entanto, exclui os atuais moradores da área. A partir de uma proposta de desapropriação de casas habitadas e terrenos vazios, a construção do campus da Universidade produziu embates e conflitos entre Estado e moradores da região, através de organização e resistência que gerou

o início de uma mobilização social. Foi através disso que houve uma renegociação com o governo municipal e federal para que fossem modificadas as áreas a serem desapropriadas, excluindo, portanto, aquelas habitadas. É a partir da construção de movimentos de resistência que o território se constitui, se constrói e se modifica, principalmente no que diz respeito a essa área e seus processos de ocupação.

A história de Marcia se compõe a partir de sua inserção nesse território. Que Marcia compreende como um lugar que “(...) é esquecido e vem com o preconceito das pessoas. Eles têm esse tipo de fardo: se você tá com uma pessoa da Ponta da Praia ela não vai querer vir te visitar.” (Entrevista com Marcia, p. 2). Ela ali cresceu com o pai, um irmão e três irmãs. Durante quase todo o período em que a acompanhei a adolescente morou com o pai, que já é viúvo há alguns anos. Ele, inclusive, mantém um bar, um pequeno comércio, na rua Silva Jardim. Duas de suas irmãs moram em Santos, também na região central da cidade - em casas bem próximas à de Marcia - a terceira reside em São Vicente, cidade vizinha que integra a Baixada Santista. Já o irmão mora na casa aos fundos da casa do pai, no entanto pouco contato se realiza entre os dois espaços. Marcia perdeu a mãe já há alguns anos e poucas vezes conversamos sobre isso, entretanto o assunto não parece constranger ou causar incômodo, ainda que seja pouco mencionado.

A partir das oficinas que realizamos em 2015 com o Visconde, ano em que Marcia cursava o 1º ano do Ensino Médio, nos identificamos e construímos uma relação de referência. Foram naquelas oficinas acerca da violência contra a mulher, em que separamos meninas e meninos e permitimos que a troca de pares se potencializasse, que Marcia relata como um dos primeiros momentos em que sentiu ter direito a voz em um espaço, como também viu possibilidade de que sua voz fosse reconhecida, multiplicada e ouvida com cuidado e afeto. Ali o processo de criação de referência se fortaleceu. A cada oficina ela se expressava mais e permitia processos de reflexão entre as/os estudantes.

Reconhecendo também a importância da presença dos estudantes de uma Escola Estadual vizinha, pertencente ao mesmo bairro, naquele espaço universitário, convidamo-los a conhecer a Universidade. Apresentamos os cursos. As salas. A biblioteca. O espaço estudantil. Sempre em uma perspectiva de que aquele espaço também deveria ser compartilhado e integrar os moradores do bairro, da região, da cidade: no sentido literal do que é público. Marcia logo me relatou que seu sonho era cursar Psicologia. E por que não na UNIFESP? Na Universidade pública na rua da escola em que cresceu? Na rua onde o pai

mantém um comércio? Tão perto de casa? Os sonhos nunca estiveram tão próximos. Marcia relata isso quando questionada acerca do reconhecimento daquele espaço da universidade:

eu vi a faculdade ser formada, era meu caminho da escola. Então, tipo, era “caraca, vai ter um negócio legal aqui!” (...) e ai foi, tipo “a gente tem uma universidade do lado da escola!” Mas foi só quando eu entrei aqui, quando eu vim conhecer junto com a extensão que, tipo, eu soube que tinha o curso que eu queria fazer e outros que eu nem sabia da existência e hoje quero fazer também. Mas, tipo, foi um processo de quando a gente veio e conheceu lugares e foi aquele negócio de encantamento. Eu nunca tinha visto uma universidade federal. E eu fiquei, tipo, “caraca isso aqui é público! Caraca eu posso entrar!”. (Entrevista com Marcia, p. 3)

A partir de seus processos de formação de consciência crítica e a forma como se relacionara com os colegas realizando “o movimento entre concepção de mundo e contexto histórico-social, procurando estimular formas organizativas que permitam que a ação revolucionária se desenvolvesse” (JACINTO, 2017, p. 79), Marcia passou a expor seus posicionamentos nas redes sociais após relatar sentir-se mais segura com o processo das oficinas. Conquistou novos colegas e se aproximou de pessoas que demonstraram insatisfação com a realidade vivida na escola e na sociedade.

Daí surge um importante acontecimento de sua - e por que não “nossa” - trajetória: após uma estudante do ensino fundamental relatar à coordenação da escola que um menino de sua sala passou a mão em seu corpo, a direção do colégio se posicionou em relação às roupas usadas pelas estudantes para ir às aulas, compreendendo que o fato era consequência da roupa utilizada pela estudante e, assim, proibindo o uso da calça legging pelas meninas. Desta maneira, a coordenadora da escola passou em todas as salas - de todos os períodos - para informar o fato e o posicionamento tomado pela gestão para que a situação não se repetisse.

O fato foi compreendido por Marcia como reprodução de machismo por parte da coordenação, visto que a menina foi culpabilizada por uma atitude invasiva do colega de sala, e a adolescente se posicionou em uma rede social. Marcia relatou os fatos, analisou-os, posicionou-se e marcou a escola na postagem. Muito aconteceu depois do posicionamento da estudante: a situação repercutiu entre colegas, professores, direção e, também, entre o Projeto de Extensão que naquele espaço realizava suas oficinas convidando os adolescentes a refletir, inclusive, sobre uma sociedade patriarcal e suas formas de reproduzir o machismo. A estudante compreende que esse momento se concretiza como uma importante marca entre a “Marcia de 2015” e a “Marcia de 2018” que, segundo ela, soam como desconhecidas uma a outra diante do processo de catarse que reconhece ter realizado.

Esse posicionamento da estudante na rede social foi o início de diversos episódios que culminaram em um distanciamento entre o Projeto de Extensão e a Escola Estadual, visto que os movimentos catárticos ali gerados abalaram em muitos pilares o formato daquela instituição, principalmente no que se refere às suas multiplicações entre os estudantes: a construção de identidade do que aqui denominamos intelectuais orgânicos entre as juventudes daquela escola, o que mais tarde, no ano de 2016, finalizou-se com o rompimento do vínculo e parceria entre a Universidade e a Escola.

Foi a partir desse episódio e do reconhecimento da potencialidade de sua voz, através do entendimento da necessidade de expor aquilo que há tempos incomodava na forma como a dinâmica da Escola se dava e nas inúmeras reproduções do senso-comum, que Marcia ia compreendendo a construção de sua identidade, na percepção de que aquela informação, aquela reflexão e aquela desconstrução de normalidade precisavam chegar aos outros estudantes que a adolescente passou a ser reconhecida no espaço escolar. Segundo ela, algumas vezes de forma positiva por colegas e alguns poucos professores, de forma negativa pelo outro contingente de professores e pela direção da escola. Marcia nos relata isso em meio a críticas sobre sua relação com o espaço escolar:

eu não gostava da gestão da escola, tipo, tem pessoas lá dentro com pensamento de querer mudar a escola pro bem e tem pessoas lá que infelizmente que acaba que não tem esse interesse. Então, tipo, das coisas da escola, se tem uma coisa que eu não gostava, era da gestão da escola. (Entrevista com Marcia, p. 1)

No entanto, de forma significativa, aquele foi o início de um importante processo de construção e reconhecimento de identidade.

O espaço da universidade também passou a ser explorado, tornando-se mais familiar, construindo um sentimento de pertencimento. Alguns eventos, em que os estudantes do Visconde eram convidados, foram realizados pelo Projeto de Extensão. Marcia sempre esteve presente nos eventos. Nesse processo de identificação consigo e com aquilo que compartilhava em suas ideias, sentimentos e subjetividade, Marcia também se identificava com aquele espaço e com as discussões, reflexões e catarses que ele lhe permitia experimentar e vivenciar, principalmente no que tangia as discussões acerca do papel da mulher e das análises a respeito de uma sociabilidade patriarcal, no horizonte de sua superação. A estudante esteve presente em uma discussão sobre a cultura do estupro, realizada após caso bastante divulgado pelas mídias acerca de uma jovem que fora estuprada por trinta e três homens, como também na Batalha de Rap e Funk.

No ano de 2016 houve na Escola um movimento para a reativação do grêmio escolar. Marcia compreendia aquele espaço como possibilidade de multiplicar sua voz e a construção que vinha realizando, permitindo que ela se fizesse presente também para outros estudantes da escola. Candidatou-se ao grêmio escolar e permaneceu por dois anos na vice-presidência. Foi no ambiente escolar e no território virtual que Marcia fortaleceu sua identidade e multiplicou os processos pelos quais passara na construção de uma consciência crítica, mediada por suas vivências.

Nesse contexto também se potencializava a relação entre seu grupo de amigas, na perspectiva de assumirem a consciência de sua própria história, bem como de sua classe, seu gênero, sua raça-etnia, seu território e as formas como se dinamizavam essas relações em uma sociedade - aos poucos sendo compreendida como - patriarcal, racista e capitalista. Foi nesse grupo, apoiado apenas por um único professor da escola - Zezinho - que essas meninas construíram a possibilidade, ali naquele espaço cercado por grades em que as ideias também eram cerceadas, de “transformar os inícios rudes e ásperos - senso comum - em culturas coerentes, poderosas e plausíveis” (ANGELI, 2011, p. 130).

A partir da vivência no grêmio estudantil que Marcia realizou suas primeiras oficinas com outros adolescentes. Inicialmente as oficinas aconteceram com os estudantes do turno da manhã do Visconde, a fim de debater assuntos que os estudantes que compunham o grêmio compreenderam como pertencentes àquela realidade vivenciada na escola. Marcia realizou uma oficina sobre a exposição de fotos íntimas de meninas adolescentes na internet e a relação desses episódios com casos de suicídio entre jovens. Observa-se a relevância da temática no espaço escolar e a importante troca ao ter essa conversa mediada por estudantes daquela sociabilidade: a potencialidade da troca de pares. Além disso, destaca-se a escolha da temática de Marcia, por representar muito do (auto) conhecimento que a adolescente havia traçado naquele ano que se passara, suas catarses e sua construção de identidade enquanto intelectual orgânico no espaço da escola.

Segundo Marcia aquela oficina foi muito marcante para mostrar para os outros jovens situações que acontecem diariamente na escola, além de abrir espaço para o diálogo e a troca entre os estudantes, avaliando uns aos outros sobre as atitudes e posicionamentos e as formas de incidência no outro, no coletivo e na sociedade. Essa oficina significou a sequência de oficinas também realizadas com outro colégio da região central da cidade, a partir de uma parceria entre os grêmios, permitindo a troca e desenvolvimento da temática e discussões entre as juventudes.

Ainda em relação a 2016, ao final do ano, envolvi-me com o Projeto “Protagonismo e Cidadania: Uma Construção Permanente” desenvolvido pela ONG Consciência pela Cidadania, de Santos, em uma parceria com o Núcleo de Políticas Públicas Sociais da Universidade Federal de São Paulo. A partir da vinculação da professora Patricia Borba, coordenadora do Núcleo e co-coordenadora do Projeto Juventudes e Funk, essa parceria tornou-se mais tarde com o Projeto de Extensão, visto que foram selecionadas quatro extensionistas do Juventudes - incluindo a mim - para realizar oficinas pelo Protagonismo e Cidadania. Dessa forma, o Projeto da ONG iniciou-se em setembro de 2016, inicialmente, com oficinas com jovens de grupos urbanos a fim de debater os temas protagonismo, cidadania e cultura de paz. No ano de 2016 os grupos trabalhados foram os jovens do projeto social “Minha Comunidade”: União de Amparo à Comunidade de Escolas Públicas (UACEP), Instituto Querô e Centro de Aprendizagem e Mobilização Profissional e Social de Santos (CAMPS).

Foi também em 2016 que a relação entre a Escola Estadual Visconde de São Leopoldo e a Universidade teve significativo abalo, culminando no fim da parceria entre Visconde e Juventudes; o que significaria um afastamento de Marcia da Universidade, pelo menos a partir das oficinas com a escola. No entanto, no ano de 2017, o Projeto Protagonismo e Cidadania estabeleceu e firmou parceria com a Secretaria Municipal de Educação e Diretoria Regional de Ensino. Dessa forma, o Projeto se propôs a promover integração com os grêmios estudantis e conselhos das escolas públicas do município de Santos para, a partir disso, desenvolver projetos em benefício das comunidades escolares. Assim, foram reunidos estudantes das escolas estaduais e municipais interessadas e iniciadas oficinas de preparação, planejamento e ação de projetos para cada uma das regiões de Santos, a serem criados e pensados pelos meninos e meninas participantes do Projeto.

Nesse momento o vínculo com Marcia foi retomado, após curto espaço de afastamento entre nós duas, da seguinte forma: a primeira tarefa que as extensionistas tiveram no Projeto foi de realizar contato com todas as escolas estaduais do município, a fim de encaminhar convite para uma cerimônia de apresentação do Projeto. Inúmeras foram minhas tentativas de entrar em contato com o Visconde. Realizei ligações e visitas à escola, mas não fui atendida pela coordenação. Decidi, então, entrar em contato com Marcia. Sabia de sua gestão no grêmio estudantil e, portanto, da relação com coordenação e diretoria da escola, com isso apresentei o Projeto a ela, pedindo que compartilhasse com a direção. Assim, consegui contato com o Visconde a partir de uma importante mobilização do grêmio para que a escola

participasse do Projeto e, com isso, a parceria se estabeleceu muito fortalecida por Marcia e as colegas com quem me vinculei nas oficinas de 2015.

Em relação ao Protagonismo e Cidadania, a divisão dos grupos se deu a partir das regiões que compõem a cidade de Santos, a partir da separação adotada pela Secretaria de Educação do município e Diretoria Regional de Ensino, a saber: Centro e Morros, Orla, Zona Noroeste e Zona Intermediária. Os encontros foram realizados de abril até julho de 2016, semanalmente, no período da tarde, cada dia com os/as estudantes de cada região da cidade, bem como com equipe de duas extensionistas, um educador e um especialista da área escolhida para o projeto.

Com o andamento do processo de oficinas, foram desenvolvidas atividades como criação de um jornal para debater e multiplicar discussão sobre temáticas de interesse e relevância para juventude do território do Centro e dos Morros; elaboração de série de vídeos roteirizados, filmados e protagonizados pelos/as jovens da região da Orla a serem circulados na internet com os temas centrais de empatia e cidadania; esquetes de teatro criadas, encenadas e produzidas pelos/as estudantes da Zona Noroeste acerca de temas que perpassam a juventude e adolescência; e, por último, a reativação da Sala de Artes da Escola Estadual Visconde de São Leopoldo e elaboração de um Sarau de Arte e Poesia na escola, a fim de resgatar e fortalecer o vínculo do território com a cultura e a arte, bem como entre toda a comunidade escolar.

O projeto permitiu importante fortalecimento de vínculo com Marcia, já que proporcionou acompanhamento semanal com o grupo do Visconde, que era composto pelas adolescentes que participavam do grêmio e também melhores amigas da colaboradora. Ao longo dos meses, diante de diversos atravessamentos, o grupo que compunha a região da Zona Intermediária diminuiu a partir da ausência dos estudantes de outras duas escolas estaduais e, aos poucos, se restringiu apenas aos jovens do Visconde. Assim, passamos a construir um projeto a ser apresentado na finalização das oficinas que produzisse significado no universo daquele território, daquelas adolescentes e daquela escola. Muito me recorda Paulo Freire (1996) ao pensar nesse processo vivido com aquelas jovens, quando ele aponta que “A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria” (FREIRE, 1996, p. 16).

O processo de amadurecimento das atividades junto ao coletivo não se deu apenas na proposição e criação junto aos jovens, mas foi também percebido através das formas em que o



grupo era conduzido, pela mediação de conflitos, pela percepção e acolhimento das necessidades e demandas juvenis, bem como o aprendizado no manejo de situações que necessitam de uma articulação com diferentes instituições e pessoas. Outro ponto importante no processo de formação diz respeito a compreender e saber lidar com jovens - na sua dimensão plural a partir dos enovelados sociais, históricos e econômicos articulados com raça-etnia, gênero, religião, sexualidade e território.

Dessa forma, o grupo passou por processos de reaproximar, reconhecer, resignificar e redescobrir, desenvolvendo um processo formativo que já possuía raízes. A escolha do grupo foi de reativar a Sala de Artes da Escola Estadual Visconde de São Leopoldo e promover um sarau de Arte e Poesia na escola. Optou-se por modificar as estruturas daquela escola, ainda que de forma simbólica e subjetiva, de forma a demonstrar importante identificação de Marcia e das outras adolescentes com o território, bem como o sentimento de pertencimento e bem querer daquelas meninas em relação àquele espaço.

Para Caldeira (2000) a violência urbana e o medo se relacionam com processos de mudança nas cidades contemporâneas, mudanças estas que geram novas formas de segregação espacial e discriminação social já que a concentração social das camadas mais pobres da população influencia no seu processo de destituição como sujeitos sociais e políticos na cidade. Assim, para o autor essa segregação espacial que se dá justifica-se pela atribuição de 'culpa' por tudo à população pobre, excluindo a ausência do Estado dessa resposta; o que isso gera é o cerceamento dos espaços, impedindo a circulação e a interação em áreas comuns, com isso reforçando a individualização e impossibilitando a organização local e os laços de solidariedade. É daí que desponta a ação do grupo da Zona Intermediária, formado por Marcia e as colegas de grêmio estudantil.

O território em que o Visconde se localiza, muito por sua história, carrega diversos atravessamentos que despontam em uma segregação espacial e, por consequência, a destituição desses sujeitos sociais e políticos, principalmente no que diz respeito aos sujeitos jovens. A construção de um projeto para aquela região com o objetivo final de reativar espaço de arte, lazer e cultura na escola era um grande desafio. Pelo enfrentamento que haveria de ser feito com direção e coordenação da escola, enfrentamento com Diretoria Regional de Ensino, mobilização entre os docentes e estudantes, mobilização com a população daquela região e - ainda - embate com a equipe da ONG que não compreendia aquela construção como resultado final a ser apresentado para o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA), órgão fiscalizador dos recursos públicos destinados ao Projeto.

Inicialmente, foi construído junto às estudantes Projeto de Ação a ser apresentado para coordenação da escola e Diretoria Regional de Ensino. Dois encontros foram necessários para a elaboração do documento e, posteriormente, uma reunião foi marcada com o Visconde. Estavam presentes Marcia e outras três adolescentes, eu e Mariana - extensionista que me acompanhava na construção com o Visconde - e coordenação do Projeto. A reunião foi quase toda levada por Marcia, que apresentou o projeto às responsáveis da escola com afeto, cuidado, entendimento e consciência da importância daquela intervenção naquele espaço que para ela era como uma segunda morada.

Nesse processo também podemos destacar a função de intelectual orgânico da adolescente, no sentido de estabelecer importante vinculação e relação com sua classe social, bem como no processo de formação crítica dessa classe, de maneira a realizar contato e observar as visões de mundo, as experiências, as ações e comportamentos das classes com a qual se identifica. Meus olhos saíram marejados daquele encontro com o assentimento da Direção da escola para o prosseguimento do projeto: muito pela fala afetuosa da adolescente, muito pela compreensão de ver aqueles jovens como atores daquela ação, muito pelo efeito catártico que era claro naquela construção. No entanto os desafios apenas começavam.

Após a reunião com a coordenação da escola as adolescentes se organizaram para passar em todas as salas da escola convidando outros jovens a participar da reativação da sala a partir de construção conjunta. Amplo processo de mobilização foi feito e o grupo expandiu-se, então, na missão de informar a comunidade do entorno da escola acerca do mutirão para arrecadação de materiais necessários para a reforma da sala, já que os recursos destinados pelo Projeto não seriam suficientes.

Algumas semanas foram necessárias para o mutirão, compra dos materiais fornecidos pelo Projeto Protagonismo e Cidadania e reforma efetiva da sala. Tudo foi realizado pelas mãos dos estudantes e, após exaustivo trabalho que incluiu o período das férias, a sala foi inaugurada com um Sarau de música e poesia. As artistas Preta Rara - rapper santista -, o grupo paulista Obirin Trio e o ZL21 - crew de rap formada por estudantes da escola - se apresentaram em meio aos três períodos escolares. A escolha dos artistas foi feita pelo grupo que compôs a reativação da sala a partir de seu entendimento de reconhecimento e pertencimento na arte dessas pessoas com a proposta ali concretizada através da Sala de Artes.

A música escolhida para iniciar a narrativa de vida de Marcia advém desse momento de sua trajetória comigo compartilhado. Ao encerrar o sarau o grupo Obirin Trio permaneceu em uma roda e em formato de capela cantava algumas músicas que eram pedidas pelas

adolescentes. Marcia, então, pediu que essa música fosse interpretada pelo trio, música que em algumas oficinas nós - extensionistas - utilizamos como disparadora para gerar debates acerca do papel da mulher na sociedade. A arte também possibilita momentos de catarse muito significativos. Todas as adolescentes cantaram a música, junto conosco, extensionistas. O grupo todo ficou muito emocionado ao ver tanta verdade no cantar das meninas.

A compreensão de que os papéis a ela, Marcia, impostos pelo gênero, classe social, território e pela condição de juventudes, esses enovelados que pretendem estatizá-la em um lugar de subserviência, aceitação e naturalização, se viam, pouco a pouco, tendo seus nós desatados, como versa a música aqui citada:

ela desatinou, desatou nós  
vai viver só (...)  
eu não me vejo na palavra 'fêmea',  
alvo de caça, conformada vítima.  
prefiro queimar o mapa,  
traçar de novo a estrada  
ver cores nas cinzas e a vida reinventar  
(Triste, Louca ou Má - Francisco el Hombre, 2016)

E é sobre isso que tratam os próximos parágrafos.

Diante do envolvimento de Marcia com o grêmio estudantil de sua escola e da participação do projeto da ONG foi possível acompanhar a trajetória da jovem nessas duas perspectivas. Aqui, a partir de Souza (2006), pode-se observar diferentes papéis definidos pela sociedade não só à Marcia, mas aos jovens que aqui nomeamos como intelectuais orgânicos, em favor de ideologias, ou não, de dominação. Um é o papel realmente vivenciado pelo jovem enquanto intelectual orgânico, ator da ação, promovendo catarses e desenvolvendo a consciência crítica em favor de sua classe, da mesma maneira que procura estimular formas organizativas dentro da classe subserviente para possibilitar que ações revolucionárias se desenvolvam. O outro é o do protagonista juvenil, difundido pelas organizações do terceiro setor e mais posteriormente pelas políticas públicas e partidos políticos, que pretendem prestar serviços à comunidade a fim de “solucionar os problemas sociais” em favor desse discurso. Marcia bem observa isso ao ser questionada sobre o que é ser jovem:

pra certas coisas ninguém vê você como jovem. Você tem 18 anos e quer tirar a carta agora, seu pai fala: “você é uma adolescente, uma menina”, como no caso também de ser mãe. Agora se você faz uma coisa errada você é uma adulta (...) Eu acho que é bem relativo porque, atualmente, as pessoas, assim, passam dos 20, 21 e não existe juventude. No meio universitário ainda tem isso, mas assim, se você pega pessoas que saíram do Ensino Médio e que já foram adultizadas não tem juventude, não sabe o que é. Por exemplo, a minha irmã: 21 anos, 3 filhos. Se você falar pra ela que ela é jovem ela vai falar que não. Parece que a juventude não existe pra certas pessoas. E também é bem seletivo, as pessoas selecionam até que ponto elas querem que você seja um jovem. Se você é um jovem responsável, por exemplo, você é um adulto. (Entrevista com Marcia, p. 10)

O Projeto da ONG já trás consigo no nome o “protagonismo juvenil”. A escola vê e afirma no grêmio a mesma expressão de protagonismo jovem. No entanto os estudos de Souza (2006) apontam para ações, embasadas nesse “protagonismo juvenil”, que colocam o jovem enquanto objeto de intervenção, não sujeito. A autora afirma que “O protagonismo juvenil, portanto, é um discurso de adultos, produzido e compartilhado pelos adultos que se dedicam à integração da juventude, considerada objeto de intervenção ” (SOUZA, 2016, p. 15).

Dessa forma, aquela identidade construída a partir do intelectual orgânico, diante da não consciência desse papel, se vê canalizada a “ações protagonistas” em favor da manutenção de uma ideologia da classe dominante, enfraquecendo, a partir do consenso, o papel intelectual desses jovens. Essa realidade pode ser observada em todo o processo de reativação da sala - na relação entre a adolescente e os outros integrantes do grêmio estudantil e os educadores do Projeto e a direção da escola, diante de toda a dificuldade encontrada para que o projeto fosse efetivado enquanto uma ação verdadeiramente realizada a partir da construção daqueles jovens, como uma proposta em que eles realmente fossem os atores.

O Projeto “Protagonismo e Cidadania: Uma Construção Permanente” foi encerrado em agosto de 2017, mesmo período em que iniciei a pesquisa de iniciação científica pelo Programa de Bolsas de Incentivo à Iniciação Científica (PIBIC) com nome análogo ao dessa pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso, todavia com o intuito de acompanhar as trajetórias singulares e territoriais de cinco adolescentes, mas que incluíam Marcia.

Assim, em setembro de 2017, a partir de abertura de edital para o programa PIBIC Ensino Médio, que tem por finalidade despertar vocação científica e incentivar talentos potenciais entre estudantes do ensino fundamental, médio e profissionais da Rede Pública mediante participação em atividades de pesquisa científica ou tecnológica, nos debruçamos, eu, Marcia e minha orientadora, a submeter um Projeto com Marcia.

Dessa forma, seria possível maior aproximação de Marcia com a extensão “Juventudes e Funk” contribuindo com o desenvolver das oficinas enquanto jovem do ensino médio, aproximando a jovem ainda mais para o acompanhamento dessa pesquisa, auxiliar no processo de construção de identidade de intelectual orgânico da adolescente e mediar sua inserção na universidade para que, de maneira mais efetiva, ela fosse retomada. Foi enviado e aprovado projeto de mesmo título desta pesquisa que previa o acompanhamento de dois jovens por Marcia, em que ela reconheceria neles esse mesmo processo de catarse que vivenciou.

A partir disso, foi fortalecido o vínculo da adolescente com o Projeto de Extensão através de presença nas reuniões semanais de planejamento com docentes e extensionistas; envolvimento com as ações da extensão na ETEC Aristóteles Ferreira, na parceria com o Projeto de Extensão Rádio Silva e IV Jornada de Terapia Ocupacional da UNIFESP, bem como, revisão bibliográfica acerca da temática pesquisada.

Marcia também participou do acompanhamento de dois dos adolescentes de minha pesquisa PIBIC, sendo eles adolescentes que também possuíam algum vínculo com ela e que foram escolhidos por nós duas, a partir do entendimento da jovem acerca do processo de construção de identidade desses adolescentes enquanto intelectuais orgânicos e seus processos catárticos com outros adolescentes. Daí também se extrai o processo de construção de identidade de Marcia: no realizar esse movimento entre a sua concepção de mundo e o contexto histórico-social dessa sociabilidade capitalista.

Durante todos os acompanhamentos feitos por nós duas, após os encontros, debatemos as relações observadas nas falas daqueles jovens e no aparato teórico acerca da construção desse intelectual orgânico, contraditório ao jovem protagonista. Foram nesses momentos que pude observar também os processos de formação de consciência crítica de Marcia, alinhados ao estabelecimento de uma relação orgânica com sua classe, da mesma forma que vi na construção e reativação da sala de artes, mas dessa vez de forma concreta no falar. Marcia, em suas observações, relatara as formas pelas quais a juventude era utilizada como meio de intervenção, no caso dos jovens acompanhados, pelos grêmios estudantis e partidos políticos e, dessa forma, também reconhecia esse movimento em sua própria trajetória nos processos vivenciados com o Projeto “Protagonismo e Cidadania” e no grêmio estudantil.

Em especial, um dos jovens acompanhados por nós duas, relacionava-se com o movimento estudantil secundarista e universitário, realizando relação direta com os partidos políticos a partir destas organizações. Destaca-se que Marcia o conheceu através de um

chamamento feito para que os grêmios estudantis participassem do Congresso Nacional da União Brasileira dos Estudantes (UBES) em 2017, em que Marcia esteve presente. De seus relatos do Congresso podem-se ressaltar as observações feitas pela adolescente acerca da manipulação realizada por esses partidos - na figura de adultos - naquele espaço, a fim de incorporar uma falsa representatividade da juventude nas discussões e tomada de poder de maneira a responder uma expectativa adulta de reencontro da juventude com a política, no entanto sem proporcionar a construção de uma consciência crítica, relacionando-se apenas em favor de uma reprodução do discurso dominante.

Nesse sentido é possível estabelecer uma relação de incorporação do discurso do “Protagonismo Juvenil” e cooptação da juventude em favor de uma expressão que fortaleça os aparelhos ideológicos do Estado através de um consenso forjado como meio de coerção indireta; que se faz presente não só na relação dos partidos políticos, mas também da ONGs, da escola e do Estado, ou seja, em uma relação entre a Sociedade Civil e o Estado ampliado.

No processo de realização dos acompanhamentos das pesquisas de PIBIC e PIBIC/ Ensino Médio foi quando tive meu único contato efetivo com a família de Marcia. Durante a construção do projeto de pesquisa da adolescente, para que houvesse assentimento de seus responsáveis - ainda que a jovem já tivesse completado 18 anos, mas na perspectiva do cuidado e da responsabilidade - propusemos uma conversa entre Marcia, seu pai e eu. Assim, fui até o bar de seu pai, localizado a rua da Universidade, para, junto de Marcia, explicar o projeto em que a adolescente seria inserida e a necessidade de disponibilização de algumas horas semanais para isso, bem como a necessidade de abertura de conta em banco para receber a bolsa. O diálogo foi rápido e sem maiores dificuldades, o pai de Marcia demonstrou tranquilidade e confiança em relação às escolhas da filha, como também aparentou conceder liberdade para que ela escolhesse seus caminhos.

A partir daquele momento, ao menos presencialmente, não tive mais contato com ninguém de sua família. Ainda que durante os acompanhamentos e encontros em reuniões da extensão algumas vezes a adolescente relatara dificuldades de saúde com o pai e gravidez de duas de suas irmãs - fatos que implicaram em períodos de ausência de Marcia - o assunto “família” sempre foi bem pouco explorado em nossa relação, diante de um afastamento da adolescente nesse sentido. Assim, pode-se afirmar que alguns aspectos de Marcia ficaram um pouco invisíveis na construção de sua trajetória, de maneira que os acompanhamentos aconteceram conforme a jovem sedia abertura em cada um dos aspectos de sua vida.

No ano de 2018 a adolescente, após encerramento do período escolar em 2017 e ainda em processo de pesquisa PIBIC Ensino Médio, ingressou no Cursinho Popular Cardume - Projeto de Extensão do campus Baixada Santista da Universidade Federal de São Paulo realizado por discentes e técnicos do campus - que tem por objetivo promover a educação como recurso de inclusão e transformação social, oferecendo a jovens e adultos em situação de vulnerabilidade social a oportunidade de se prepararem para o ENEM, ao mesmo tempo aproximando os alunos e professores da realidade regional em que o campus está inserido. O cursinho é gratuito e tem como metodologia a educação popular a partir de uma perspectiva freiriana.

Nesse sentido, a adolescente estabeleceu maior vinculação e identificação com o espaço da Universidade, estreitando as lacunas sempre muito presentes na relação entre o campus da UNIFESP e a comunidade daquele território. Assim também foi possível a aproximação da jovem com outra perspectiva de educação, em um viés libertador e transformador.

O caminho de Marcia com a Universidade, que continua a ser traçado a partir dos processos de realização da prova do ENEM na perspectiva de alcançar uma vaga no curso de Psicologia, bem como seus processos de construção de consciência crítica e de sua identidade de intelectual orgânica, trajetória esta que se iniciou no ano de 2015, em seu primeiro ano de Ensino Médio e meu primeiro ano de Universidade a partir das oficinas realizadas com a Escola Estadual Visconde de São Leopoldo, muito me recordam as palavras de Eduardo Galeano em seu poema "*Ventana sobre la utopia*":

Ela está no horizonte - disse Fernando Birri - me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre mais dez passos para lá. Por mais que eu caminhe, nunca a alcançarei. Para que serve a utopia? Para isso: para caminhar. (GALEANO, 2001, p. 230, tradução minha)

Marcia não me permitiu perder a esperança de construir uma trajetória com as juventudes em uma perspectiva de transformação e de uma educação libertária a partir dos processos de oficina e iniciação científica, além de me possibilitar compreender esses jovens como atores de suas trajetórias organicamente - não, de forma reduzida, protagonistas, mas intelectuais. O compartilhar de nossas trajetórias me transformou. Acredito que a aproximação de Marcia com a UNIFESP a partir do Juventudes e Funk também não permitiu que ela desistisse do sonho de cursar Psicologia em uma universidade pública. A Marcia de

2018, segundo a adolescente, mal reconhece a Marcia de 2015. O compartilhar de nossas trajetórias a transformou.

A utopia está no horizonte. Nós seguimos caminhando e compartilhando a caminhada para que essa história esteja só em seu primeiro capítulo dos próximos anos que estão por vir quando Marcia retornar à UNIFESP em 2019 como graduanda. A utopia serve para que não deixemos de caminhar. Pelas juventudes nós com certeza ainda nos encontraremos pelo caminho.



## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No norte de aprofundarmo-nos acerca das discussões sobre juventudes a partir de uma perspectiva que tenha, verdadeiramente, o jovem como ponto central em suas vivências, relações, angústias e experiências e, ainda, apontando novos possíveis caminhos para que essas perspectivas sejam expandidas que essa pesquisa se desenhou.

Escolhemos transitar pelas trajetórias de vida da jovem Marcia através de um ponto de partida: suas potencialidades, que se desdobram na perspectiva de enxergar o mundo e de, assim, se colocar e se reconhecer nele; na forma de experienciar uma fase tantas vezes compreendida como transitória, sem completude, de rebeldia sem causa e na transformação de si, de pares e, quiçá, de mundo. Passamos e tocamos pela vida e trajetória dessa adolescente, muitas vezes carregadas de violências e violações de direito, por seus processos de dores e alegrias, o que demandou um movimento contínuo de construção de vínculo para que esses espaços fossem abertos e permitidos aproximação e, dessa forma, acompanhados.

Para isso, elegemos enquanto experiência de metodologia os acompanhamentos singulares e territoriais juntamente da história oral, o que nos proporcionou a vivência, efetivamente, de compreensão dessa jovem enquanto sujeito social, partindo do pressuposto de que é ela quem nos narra sua própria história através daquilo que realmente lhe é caro, permitindo lembrar e refletir acerca de sua trajetória.

Assim, ressaltamos a importância da experiência com a extensão universitária na construção dessa análise, no que tange a metodologia da troca de pares entre estudantes universitários extensionistas e estudantes secundaristas. A partir dessa relação fundada na perspectiva da horizontalidade e da troca de saberes, vivências e conhecimentos que se realizaram os vínculos criados e cultivados para que essa pesquisa se tornasse possível. É também, com norte nessa perspectiva e experiência, que se permite visualizar essa jovem ator, essa jovem presente, essa jovem enquanto sujeito social.

Dessa forma, se estabelece, na contramão das relações de reprodução da ideologia da classe dominante por meio da organização material da cultura de manter, defender e desenvolver nessa frente teórico-ideológica, a importância de um movimento fortalecido pela juventude, ressaltando seu lugar de fala e de ação frente a sua própria vida, sua trajetória, suas escolhas e suas experiências.

Distante de um discurso de protagonismo juvenil que pretende apenas manter um pensamento hegemônico que tem o adulto como figura central, o movimento observado pela

jovem nesta pesquisa - materializado nos resultados com a narrativa de sua vida e a partir dos acompanhamentos realizados - parece-nos ter se construído à margem dessa reprodução, nas fendas para que a juventude se fortaleça. Aponta-se, assim, como possibilidade de alternativa diante de uma apropriação do enunciado do “Protagonismo Juvenil” pelas diferentes instituições - sejam elas as ONGs, os partidos políticos, a Escola e até mesmo o Estado por meio das políticas públicas - e de cooptação da juventude em favor de um discurso que fortaleça os aparelhos ideológicos do Estado através de um consenso forjado como meio de coerção indireta, e assim, fortaleça o pensamento hegemônico e a reprodução das relações sociais em favor da classe dominante.

É a partir de um discurso adultocêntrico, afirmado em uma perspectiva de “protagonismo”, que a juventude permanece no alvo da violência de Estado, nos dados alarmantes do Mapa da Violência e na margem das políticas públicas. Constroem-se espaços forjados de ocupação desses jovens, sem participação efetiva desses sujeitos para validar aquilo que, verdadeiramente, faz sentido em suas vidas e trajetórias, suas vontades, interesses, experiências e potencialidades.

Nessa relação, no que tange às temáticas das juventudes e da questão social de forma imbricada, se faz necessário ressaltar a importância do Serviço Social em seu caráter de enfrentamento, capaz de realizar leitura concreta da realidade em sua totalidade, seus limites e potencialidades, compostos de singularidades. Dessa forma, ressalta-se que a atuação do assistente social incide diretamente na vida das juventudes de forma a revelar e atingir a reprodução da força de trabalho e, assim, das relações sociais, como também, no que diz respeito ao enfrentamento proposto pela profissão através da reprodução da rebeldia e resistência, apresentando meios de construção de uma contra-hegemonia que contribua para o defronte das expressões da questão social na realidade vivenciada pelas diversas formas de experienciar as juventudes no Brasil.

Assim, este trabalho propõe - com base em uma análise teórica de autores que fazem essa leitura - outra perspectiva de visualizar essas juventudes, de maneira que sejam os sujeitos centrais da construção de seus espaços de interesse e de transformação, visto que essa pesquisa surge quando passamos a nos interessar pelas histórias de vida desses jovens - pessoas, situações e contextos que colaboraram (e colaboram, uma vez que é uma pesquisa do presente) para a constituição desses sujeitos mais ativos socialmente, em uma perspectiva gramsciniana, as sementes dos intelectuais orgânicos.

Em conclusão, projeta-se que este estudo possa oferecer referências para estratégias de fortalecimento das redes de jovens e adolescentes, bem como enfrentamento às vulnerabilidades que cercam o cotidiano da juventude popular urbana na construção de um protagonismo que realmente coloque esses sujeitos no campo da intervenção concreta, possibilitando uma leitura que atribua a eles a condição de intelectual, um intelectual orgânico. Assim, que novas pesquisas possam ser produzidas e aprofundadas nessa perspectiva, construindo aportes - objetivos e subjetivos - para a elaboração de novas políticas públicas, de outra Escola e de outra Universidade que, dessa forma, reconheçam os jovens como sujeitos sociais detentores de sua história.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.5-6, p.25-36, 1997.

ABRAMO, H.W.; BRANCO, P.P.M. (org). **Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005.

ANGELI, J. M. Gramsci, Hegemonia e Cultura: relações entre Sociedade Civil e Política. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 122, p. 123 a 132, jul. 2011.

BORBA, P. L. O. Juventude marcada: relações entre o ato infracional e a Escola Pública em São Carlos - SP. 2012. 250f. **Tese de Doutorado em Educação**. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, n. 26, p. 329 a 376, jan-jun 2006.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. São Paulo: Cortez, 1990.

CALDEIRA, T, P. R. **Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.

CARIA, T. A construção etnográfica do conhecimento em ciências sociais: reflexividade e fronteira. **Experiência etnográfica em ciências sociais**. Porto: Afrontamento, p.09-20, 2003.

CISNE, M. Feminismo e marxismo: apontamentos teórico-políticos para o enfrentamento das desigualdades sociais. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo , n. 132, p. 211-230, ago. 2018. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-66282018000200211&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282018000200211&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 02 dez. 2018

COSTA, A. C. **Protagonismo Juvenil: Adolescência, Educação e Participação Demográfica**. Fundação Odebrecht. Salvador, 1998.

COUTINHO, C. N. **Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

DAYRELL, J. T. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.** [online], v.28, n.100, p.1105-1128. 2007. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100.pdf>> . Acesso em: 02 dez. 2018.

\_\_\_\_\_, J. T. O Jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação** [online], n. 24, p. 40-52, set./dez. 2003. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04>>. Acesso em: 09 maio 2017.

DURIGUETTO, M. L. A questão dos intelectuais em Gramsci. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 118, p. 265-293, jun. 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIGOTTO, G. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. ABRA (org). **Juventude e sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação**. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, p.180-216, 2004.

\_\_\_\_\_, G. **O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional**. In: FAZENDA, Ivani (org.). Metodologia da pesquisa educacional. SP, Cortez, 2000. p. 71-90

GALEANO, E. **Las palabras andantes**. Madrid: Siglo XXI, 1993.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, edição e tradução Carlos Nelson Coutinho; co-edição Luiz Sergio Henriques e Marco Aurélio Nogueira, VOL. IV, 2001.

\_\_\_\_\_, A. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, edição e tradução Carlos Nelson Coutinho; co-edição Luiz Sergio Henriques e Marco Aurélio Nogueira, VOL. II, 2000.

\_\_\_\_\_, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, edição e tradução Carlos Nelson Coutinho, Ed. 8, 1991.

GROPPO, L. A. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. **Revista de Educação do Cogeime**, n.25, p.9-22, Dez. 2004. Disponível < <http://www.scielo.cl/pdf/udecada/v18n33/art02.pdf> > Acesso em: 2 out. 2018

GUIMARÃES, A. S. O Fenômeno da(s) juventude(s) a partir de um prisma sociológico: desafios teóricos e epistemológicos. **Pró-discente: Caderno de Prod. Acad.-cient. Progr. Pós-grad. Educação**, Vitória, v. 15, n. 2, p.52-60, ago/dez 2009.

IAMAMOTO, M. V. **O Serviço Social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social**. São Paulo: Cortez Editora. 2008.

IAMAMOTO, M. V. & CARVALHO, R. **Relações sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica**. 34 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

JACINTO, A. G. Trabalho socioeducativo no Serviço Social à luz de Gramsci: o intelectual orgânico. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 77-85, jan/abr. 2017.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

LOPES, R. E. et al. Juventude pobre, violência e cidadania. **Saúde e Sociedade**, v.17, n.3, p.63-76, 2008.

LOPES, R. E.; BORBA, P. L. O.; CAPPELLARO, M. Acompanhamento Individual e Articulação de Recursos em Terapia Ocupacional Social: Compartilhando uma Experiência. **O Mundo da Saúde** (CUSC. Impresso), v. 35, p. 233-238, 2011.

MARGULIS, M.; URRESTI, M. La juventud és más que una palabra. In: MARGULIS, M. **La juventud és más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud**. Buenos Aires: Editorial Biblos, 1998.

MARX, K. **O Capital Livro I**. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MARX, K.; ENGELS, F. Teses contra Feuerbach (1845) (VI Tese). In: MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. Seleção de José Arthur Gianotti; tradução José Carlos Bruni et al. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. (Os pensadores).

MEIHY, J. C. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14ª edição. Hucitec-Abrasco: São Paulo, 2014.

\_\_\_\_\_, M. C. S. **A Violência Social sob a Perspectiva da Saúde Pública**. Rio de Janeiro: 1994. p. 07-18. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v10s1/v10supl1a02>> Acesso em: 02 nov. 2018.

MOVIMENTO NACIONAL DE MENINOS E MENINAS DE RUA (MNMNR); INSTITUTO BRASILEIRO DE ANÁLISES SOCIAIS E ECONÔMICAS (IBASE).; NÚCLEO DE ESTUDOS DA VIOLÊNCIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (NEV/USP). **Vidas em Risco: assassinato de crianças e adolescentes no Brasil**. 2 ed. Rio de Janeiro: MNMNR; IBASE; NEV-USP, 1991.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. Escritório Regional para América Latina e o Caribe. **Trabalho decente e juventude**. América Latina. Executivo. Brasília, OIT, 2007.

PAIS, J. M. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2003.

PEREIRA, A.B. **Muitas palavras: a discussão sobre juventude nas Ciências Sociais**. Ponto Urbe Online, n.1, 2007 Disponível em: <<http://pontourbe.revues.org/1203>>. Acesso em: 30 out. 2018

SABÓIA, B. A. A filosofia gramsciana e a educação. **Em aberto**, Brasília: Inep. Ano 9, n. 45, p. 47-56, jan/mar 1990.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

SILVA, V. P.; BARROS, D. D. Método história oral de vida: contribuições para a pesquisa qualitativa em terapia ocupacional. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 21, n. 1, p. 68-73, jan/abr. 2010.

SILVEIRA, M. S. Questão Social e Seus Reflexos Sobre a Juventude: Trabalho, Educação e Violência. In: SIMPÓSIO MINEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 4., 2016, Belo Horizonte. **Anais**. Belo Horizonte: Cress-MG, 2016.

SIMIONATTO, I. Classes subalternas, lutas de classe e hegemonia: uma abordagem gramsciana. **Revista Katálysis**, Florianópolis: Edufsc, v. 12, n.1, p. 41-49, jan./jun. 2009.

SOUZA, R. M. O discurso do protagonismo juvenil. 2006. 351 f. **Tese de Doutorado em Sociologia**. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

SOUZA, E. O.; REIS, R.; SANTOS, M. C. T. Identidades juvenis e a experiência escolar no ensino médio. **Revista Holos**, ano 21, v. 4, p. 3-17, 2015.

SPOSITO, M. P.; CARRANO, P. C. R. **Juventude e políticas públicas no Brasil**. Rev. Bras. Educ., no.24, p.16-39., dez 2003.

VALADÃO, C. C. Juventude e Questão Social. In: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 6., 2013, São Luis. **Anais** .2013.

WACQUANT, L. **Punir os pobres: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos**. Tradução de Sérgio Lamarão. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da Violência 2014: os Jovens do Brasil**. Brasília, DF: Njobs Comunicação, 2014. 183 p. Disponível em: <[http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014\\_JovensBrasil.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil.pdf)>. Acesso em: 05 nov. 2018.

## 8. APÊNDICES

- Apêndice A: Roteiro de entrevista

### **Roteiro da Entrevista com os Jovens**

Nome:

Data de Nascimento:

- Conte algo sobre sua vida que possa apresentar quem você é;
- Como foi/é sua vida escolar: onde estudou, o que mais gosta e não gosta da escola, como são amigos/as, o que pensa da escola em relação ao que espera da vida;
- Como você se relaciona com o seu território? Você se identifica com ele?
- Como é sua vida cotidiana? (deixar livre resposta e depois pedir para contar um dia todo de sua rotina, desde a hora que acorda até hora de dormir);
- Conte sobre sua experiência para além da vida escolar, espaços que costuma frequentar, onde gosta de estar em seu tempo livre, atividades que fazem com que você se sinta bem;
- Você se sente protagonista em algum desses espaços? Acredita que as atividades que desenvolve produzem algum impacto social e político na vida de outras pessoas?
- Você se vê enquanto um sujeito multiplicador ou influenciador?;
- O que é ser jovem para você? (explorar atravessamentos dos marcadores sociais da diferença: ser jovem-homem, jovem-mulher, jovem-negro, jovem-lgbt);
- O que pensa sobre seu futuro?;
- Você conhece/frequenta/desenvolve ações ou atividades coletivas protagonizadas por jovens na cidade de Santos?



- Apêndice B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

## Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Vimos solicitar o consentimento de \_\_\_\_\_ para

participação da pesquisa sobre **“Trajetórias Juvenis e a Construção de Identidades de Intelectuais Orgânicos”** por meio de acompanhamentos singulares e territoriais relacionados à sua trajetória de vida e como tem se construído sua identidade enquanto intelectual orgânico. Dessa forma, os procedimentos realizados para isso serão, em um primeiro momento, entrevistas e, com o processo de aproximação, acompanhamentos singulares e territoriais das vivências cotidianas dos jovens que se relacionem com a trajetória e construção de identidade de intelectuais orgânicos.

Objetivamos apreender a visão dos jovens sobre suas experiências de vida com foco no reconhecimento de sua identidade enquanto Intelectual Orgânico, bem como conhecer ações protagonistas juvenis na cidade de Santos. Os acompanhamentos e as entrevistas podem rememorar situações adversas que os jovens já tiveram que enfrentar no decorrer de sua vida e gerar possível desconforto por parte do entrevistado, sendo esses os possíveis riscos da pesquisa. No entanto, as pesquisadoras estarão disponíveis para acolhimento e escuta dessas situações.

Esta pesquisa está sendo desenvolvida sob a coordenação da Profa. Dra. Patrícia Leme de Oliveira Borba docente do Departamento Saúde, Educação e Sociedade da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) – Campus Baixada Santista, e pela aluna pesquisadora Bruna Carolina Silva dos Reis, graduanda em Serviço Social pela Universidade Federal de São Paulo.

É garantida a liberdade de retirada do consentimento a qualquer momento e a desistência de participação da pesquisa. Todas as informações obtidas serão analisadas, não sendo divulgada a identidade do jovem ou adolescente em momento algum. Estes dados só serão utilizados para pesquisa científica. É importante lembrar que em momento algum o jovem ou adolescente sofrerá desconforto ou riscos durante a realização da pesquisa.

Em qualquer etapa do estudo, é possível ter acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas, sendo que o principal investigador é a Prof<sup>a</sup>. Dra. Patrícia Leme de Oliveira Borba.

Se tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – Rua Prof. Francisco de Castro, 55 – 04020-050 - tel: (11) 5571-1062, fax: (11) 5539-7162 – email: cep@unifesp.edu.br ou se quiser entrar e contato direto com a pesquisadora, Departamento de Saúde, Educação e Sociedade, Rua Silva Jardim 119, Vila Mathias, Santos, tel. (13)38783700.

Eu, \_\_\_\_\_ entendo que qualquer informação obtida sobre mim será confidencial. Acredito ter sido suficientemente

informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim. Minha assinatura demonstra que eu concordei livremente com a participação neste estudo.

Entendo que estou livre para recusar a participação ou para desistir a qualquer momento, sem penalidades, prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido. A participação na pesquisa é voluntária, não acarreta nenhum gasto. Também não há compensação financeira relacionada à participação. Serão assinadas duas vias, sendo que uma ficará com o jovem (ou responsável) e a outra com a pesquisadora.

Nome do colaborador:

---

Assinatura do colaborador

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste jovem ou representante legal (quando menor de 18 anos) para a participação neste estudo.

Nome do pesquisador:

---

Assinatura do pesquisador responsável

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_